

MISSÃO em CONTEXTO

transformação • reconciliação • empoderamento



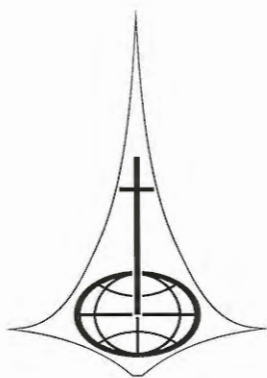
UMA CONTRIBUIÇÃO DA FLM PARA A COMPREENSÃO E A PRÁTICA DA MISSÃO
FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL – UMA COMUNHÃO DE IGREJAS
DEPARTAMENTO DE MISSÃO E DESENVOLVIMENTO

MISSÃO em CONTEXTO

transformação • reconciliação • empoderamento

Uma contribuição da FLM
para a compreensão e a prática da missão

Federação Luterana Mundial – Uma comunhão de igrejas
Departamento de Missão e Desenvolvimento



2006
Brasil

© 2006 IECLB

© Federação Luterana Mundial
Departamento de Missão e Desenvolvimento
150 Route de Ferney – Caixa Postal 2100
CH-1211 Genebra 2 – Suíça

ORIGINAL:

Mission in Context: transformation, reconciliation, empowerment

VERSÃO BRASILEIRA:

Tradução:

Neila S. Uecker

Revisão:

Sandro Bier e Luís M. Sander

Capa + Diagramação:

Adilson Proc

O33v	FLM – Departamento de Missão e Desenvolvimento Missão em contexto: transformação, reconciliação e empoderamento / FLM e Departamento de Missão e Desenvolvimento; traduzido por Neila S. Uecker. – Curitiba : Encontro, 2006. 21x29,7cm. ; 64p. ISBN 85-86936-55-3 1. Missão. I. Título. CDU 262.15
------	--

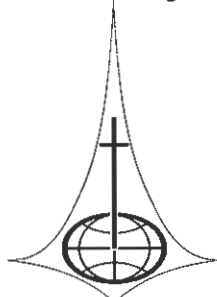
Catálogo na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima – CRB 10/1273

Edição: Setembro de 2006

PUBLICADO POR:

**Igreja Evangélica de
Confissão Luterana no Brasil**
Rua Senhor dos Passos, 202 – 5º Andar
Caixa Postal 2876
Porto Alegre - RS – 90002-970
Tel.: (51) 3221-3433 – Fax: (51) 3225-7244
E-mail:
presidencia@ieclb.org.br – secretariageral@ieclb.org.br

Site:
www.ieclb.org.br



Encontro Publicações
Movimento Encontro
Caixa Postal 18120
Curitiba - PR – 80811-970
Tel.: (41) 3352-5030 – Fax: (41) 3352-6962
E-mail:
encontro@me.org.br
Site:
www.me.org.br/encontro



SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	5
<i>Prefácio</i>	6
<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Introdução</i>	8
1. Contextos da missão	11
1.1. Discernimento e definição dos contextos da missão	12
1.2. Vozes que definem os contextos	13
1.3. A mudança de realidades globais que afetam os contextos global e locais.....	14
1.3.1. Os complexos efeitos da globalização	14
1.3.2. Contextos tecnológicos.....	16
1.3.3. Contextos da saúde.....	17
1.3.4. A violência no mundo	17
1.3.5. Contexto religioso, cultural e político	19
1.4. Contexto e teologia	21
2. Teologia da missão	23
2.0. Introdução	24
2.1. A missão de Deus.....	25
2.1.1. A missão de Deus como Criador.....	26
2.1.2. A missão de Deus como Redentor	27
2.1.3. A missão de Deus como Santificador	28
2.2. A igreja em missão	29
2.2.1. A missão faz parte do ser da igreja	29
A missão e a igreja una, santa, católica e apostólica	29
A missão e a catolicidade da igreja.....	30
A missão e a igreja como comunhão e comunhão ecumênica.....	31
2.2.2. A missão é empoderada pela Palavra e guiada pelo Espírito.....	32

2.3. Dimensões teológicas da missão.....	33
2.3.1. A missão como transformação, reconciliação e empoderamento	33
Transformação.....	34
Reconciliação	35
Empoderamento.....	36
2.3.2. A missão como prática holística e contextual	37
Proclamação e serviço	38
Justificação e justiça	39
Salvação e cura.....	40
Missão e diálogo inter-religioso	40
2.4. Teologia, contexto e prática	42
3. <i>Prática da missão</i>	45
3.1. A igreja toda em missão	46
3.2. A igreja missional em ação	47
3.2.1. Uma comunidade que testemunha	47
Uma comunidade que presta culto	48
Uma comunidade que capacita	48
Uma comunidade mensageira.....	48
Uma comunidade que serve	50
Uma comunidade terapêutica	50
3.2.2. Uma comunidade ecumênica.....	52
Compromisso ecumênico.....	52
Compromisso dialógico.....	53
Compromisso econômico	53
Compromisso ecológico	54
3.3. Novos desafios e oportunidades para a missão.....	55
3.3.1. Missão “até aos confins da terra”	55
3.3.2. A missão e o desafio da tecnologia da informação.....	57
3.3.3. Recursos missionários	57
3.3.4. Peregrinação missionária	58
<i>Conclusão</i>	61

APRESENTAÇÃO

A presente publicação se torna disponível às comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) num momento muito oportuno. Em 2006 estamos reavaliando o Plano de Ação Missionária da IECLB-PAMI. E principalmente, a partir dos impulsos do Fórum Nacional de Missão, queremos mobilizar-nos de forma geral e estratégica para as tarefas missionárias. As reflexões e recomendações deste livro são subsídio muito valioso para a orientação teológica e o direcionamento prático desta nova largada.

Deixo de comentar a origem do livro, uma vez que ele é apresentado no Prefácio e na Introdução, logo adiante. Mas quero frisar que a IECLB teve participação ativa em todas as etapas de consulta e debate, no estudo e nas revisões. Trata-se, portanto, de um documento nosso, de uma ferramenta útil para a missão também em nosso contexto.

A elaboração de *Missão em Contexto* foi sendo patrocinada pela Federação Luterana Mundial, mais especificamente, pelo seu Departamento para Missão e Desenvolvimento. É significativo para o atual entendimento de missão essa vinculação com desenvolvimento. Assim ela é vista no contexto maior – social, político, econômico, religioso – em que as igrejas e as pessoas batizadas são chamadas a cumprir o mandato de ir, de fazer discípulos, de ensinar e testemunhar o evangelho como ingrediente essencial para a reconciliação, para a vida em paz e justiça. A necessidade da presença cristã transformadora em todas as áreas se torna muito clara e concreta nos textos deste livro.

Quando em toda a IECLB oramos com as palavras do tema do ano de 2006, *Deus, em tua graça, transforma o mundo*, somos ao mesmo tempo desafiados a colocar nossos dons e nossos recursos, nossa fé e nossa paixão a serviço dessa transformação salvadora que o próprio Deus está realizando e há de consumir. Adianto, ainda, que em 2007 a IECLB estará intensificando sua reflexão e ação missionárias também através de um tema e lema explicitamente voltados para a missão.

Missão em Contexto nos desafia e orienta para uma espiritualidade ativa no amor, que põe o foco na transformação de pessoas e estruturas, a partir da nova vida em Cristo.

*Porto Alegre, 5 de junho de 2006, Pentecostes
Dia de celebração do Espírito Santo e da missão.*

Walter Altmann
Pastor Presidente da IECLB

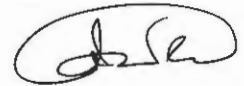
PREFÁCIO

No tempo em que vivemos, é absolutamente necessário que cada instituição deixe bem claro o objetivo de sua existência. As rápidas mudanças que produzem alterações complexas em todos os aspectos de nossas sociedades fazem com que essa constante auto-definição e redefinição sejam necessárias.

A igreja, o corpo de Cristo, foi criada para participar do desígnio de Deus para o mundo (João 3.16). Este documento da Federação Luterana Mundial (FLM), *Missão em contexto: transformação, reconciliação e empoderamento. Uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da missão*, é uma contribuição para a contínua rearticulação ecumênica do que significa ser igreja em nosso contexto em constante mudança.

Este documento recorre à experiência das igrejas, de praticantes da missão, estudantes, pessoas leigas e representantes de igrejas de várias instâncias da Comunhão Luterana. Entretanto, ele não tem a pretensão de ser completo e convida cada leitor/a e cada congregação a contextualizar este discurso a partir de sua própria perspectiva.

Eu o recomendo a vocês, a todas as pessoas batizadas que estão inseridas na igreja e na sociedade.



Rev. Dr. Ishmael Noko
Secretário Geral
Federação Luterana Mundial

AGRADECIMENTOS

Baseado numa recomendação da Consulta da FLM sobre Igrejas em Missão, que aconteceu em Nairóbi, no Quênia, em outubro de 1998, o Conselho da FLM, em sua reunião realizada em Bratislava, na Eslováquia, em junho de 1999, aprovou a revisão do documento sobre missão *Juntos na missão de Deus: uma contribuição da FLM para a compreensão da missão* (publicado em 1988). Uma Equipe *Ad Hoc*, representando igrejas-membros das sete regiões da FLM (Igreja Evangélica Mekane Yesus da Etiópia, Igreja Evangélica Luterana Unida na Índia, Igreja Luterana em Cingapura, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Evangélica Luterana na Hungria, Igreja Evangélica Luterana na Finlândia, Igreja Evangélica Luterana na Bavária, Alemanha), sociedades/ departamentos missionários (Igreja da Suécia/ Missão e Diaconia Internacional, Igreja Evangélica Luterana na América/ Divisão de Missão Global, Comitê Nacional Alemão (AKZMD), Missão Evangélica Luterana Finlandesa) e agências de desenvolvimento associadas (Pão para o Mundo, Alemanha, Assistência Mundial Luterana Canadense), foi formada em 2000 para trabalhar na revisão. Cinco membros desta equipe formaram o Grupo Central que assumiu a responsabilidade de redigir o documento. Essa equipe se reuniu pela primeira vez em 2000, e, a partir de então, anualmente até 2003 para discutir o trabalho do Grupo Central, que se reuniu mais freqüentemente. As descobertas de um “Encontro Missionário” que aconteceu em Berlim, Alemanha, em março de 2001, entre teólogos/as, agências missionárias e parceiros ecumênicos em busca de novos rumos para o entendimento e a prática da missão no século 21, inspiraram e encorajaram o Grupo Central.

A primeira versão (A) foi apresentada ao Comitê de Programa para Missão e Desenvolvimento em sua reunião em 2002 para ser discutida e comentada. Em seguida, ela foi compartilhada com igrejas-membros, instituições teológicas, sociedades/ departamentos missionários e agências associadas com o objetivo de obter mais contribuições e comentários. Uma versão mais aprimorada (B) foi compartilhada com participantes de consultas regionais pré-assembléia e com participantes da 10a Assembléia da FLM. Comentários adicionais foram recebidos de igrejas e de pessoas individualmente e incorporados tanto quanto possível na terceira versão (C).

A versão C foi discutida por todos os Comitês de Programa durante a reunião do Conselho da FLM, em Genebra, em setembro de 2004, e foi aprovada pelo Conselho com a prescrição de que as respostas e os comentários adicionais recebidos dos Comitês de Programa fossem incorporados na medida do possível. Três membros do Comitê de Programa de Missão e Desenvolvimento, escolhidos para oferecer apoio editorial, aprovaram a versão final.

Foi um processo longo e enriquecedor! Muitas igrejas, agências e indivíduos participaram da elaboração deste documento através de suas visões, planejamento, escrita, comentários, formatação e reformatação, edição, planejamento da publicação, lay-out, impressão e distribuição, etc. Toda a Comunhão se envolveu!

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar meu profundo agradecimento aos membros da Equipe *Ad Hoc*, ao Grupo Central, aos/às participantes do “Encontro Missionário” pelo excelente trabalho. Gostaria de agradecer também a todas as igrejas, instituições, agências e pessoas que compartilharam idéias e comentários para tornar o documento mais sólido. Meus agradecimentos também aos/às colegas da FLM que trabalharam duro por longas horas para dar ao documento a forma que tem hoje. Que tenhamos alegria e paz sabendo que Deus irá operar poderosamente através deste documento em prol de Sua missão para com toda a criação.

Rev. Dr. Péri Rasolondraibe

Diretor do Departamento de Missão e Desenvolvimento
Coordenador do processo de edição

MISSÃO EM CONTEXTO



INTRODUÇÃO

O documento da Federação Luterana Mundial sobre a missão publicado em 1988 e intitulado *Juntos na missão de Deus: Uma contribuição da FLM* para a compreensão da missão expressava uma compreensão holística da missão. O documento também descrevia a igreja local como a testemunha que leva a missão de Deus por diferentes esferas: religiosa, ideológica, sociológica, política, econômica, geográfica e demográfica. Mais especificamente, o documento afirma:

“A proclamação do evangelho, chamar pessoas a crer em Jesus Cristo e a se tornar membros da nova comunidade de Cristo, a participação no trabalho pela paz e pela justiça e na luta contra todos os poderes que escravizam e desumanizam, são, portanto, parte integrante da missão da igreja. Todas essas atividades apontam para a realidade do reinado de Deus e sua realização final na consumação da história” (p. 9).

A compreensão e a convicção teológicas de que a missão da igreja, derivada de sua participação na missão de Deus, é uma missão holística foram desenvolvidas mais profundamente na 8ª e 9ª Assembléias da FLM, que aconteceram em Curitiba, em 1990, e em Hong Kong, em 1997. Essa compreensão também foi fortemente enfatizada na 10ª Assembléia, que ocorreu em Winnipeg, em 2003, como declarou em sua mensagem: “Nossa participação na missão do Deus triúno implica nas três dimensões inter-relacionadas: diaconia, proclamação e diálogo, que são partes integrantes da missão da igreja.” O objetivo deste documento é expor e aprofundar a compreensão e as práticas de missão holística das igrejas-membros da FLM; isto é, missão transformadora, reconciliadora e empoderadora.

A *Consulta da FLM sobre Igrejas em Missão*, ocorrida em Nairóbi, em 1998, ressaltou essa compreensão e prática holísticas da missão como parte da identidade luterana. A Consulta também reafirmou o documento sobre missão da FLM de 1988 ao declarar o seguinte:

“A missão inclui a proclamação, o serviço e a defesa da justiça. A missão como proclamação é uma tentativa de cada cristão de contar e interpretar

a história do evangelho em seu respectivo contexto como forma de descobrir a ação salvífica de Deus e sua presença significativa no mundo. A missão como serviço enfatiza a dimensão diaconal de uma fé ativa no amor, trabalhando pelo empoderamento e pela libertação das pessoas necessitadas. A missão como defesa da justiça denota a prática da igreja no cenário público como afirmação e reafirmação da dignidade da vida humana, tanto individual quanto comunitária, assim como um sentido mais amplo de justiça, incluindo as esferas econômica, social e ecológica” (Report, p. 20).

A Consulta visionou a transformação como um importante imperativo da missão. Essa compreensão da missão como transformação – tanto do indivíduo quanto da sociedade – aprofunda a dimensão empoderadora do serviço como diaconia. A missão como transformação desafia a própria igreja a passar por uma transformação para ser um instrumento de transformação no mundo.

Além disso, a Consulta solicitou uma revisão do documento de 1988 sobre a missão para melhor refletir e abordar os desafios e as oportunidades da missão no século 21. Este novo documento, portanto, baseia-se no fundamento do documento da FLM sobre missão de 1988 e oferece uma abordagem hermenêutica diferente para a missão, fortalecendo, assim, as bases teológicas para a compreensão e prática da missão para este século.

O objetivo deste documento é:

- Ajudar as igrejas luteranas do mundo inteiro a adquirir uma consciência mais profunda da missão de Deus para com o mundo e do papel da igreja, enquanto corpo de Cristo, como parte dessa missão.
- Servir como instrumento para acompanhar as igrejas luteranas em sua auto-análise e reafirmação da missão em seus respectivos contextos. Isso significa convidar a igreja em todos os níveis (congregacional, nacional, regional) e as agências associadas a reavaliarem sua responsabilidade pela missão e as estimular em seus esforços de buscar novas maneiras de entender sua participação presente e futura na missão de Deus.

O desejo deste documento é fortalecer e aprofundar a compreensão da igreja a respeito de si mesma como uma igreja missional e para que ela vivencie essa compreensão plenamente. O termo “missional” tem sido usado há vários anos para denotar a missão como algo que diz respeito ao ser da igreja, enquanto o termo “missionário” é reservado para descrever a missão como a *ação* da igreja. Para uma igreja missional, participar da missão de Deus está no âmago de sua natureza como igreja.

A missão da igreja é apontar e participar da realidade escatológica da irrupção do reinado de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, antecipando seu cumprimento final como base para a transformação, reconciliação e empoderamento.

Um modelo bíblico para a missão

Várias histórias bíblicas fornecem modelos para a compreensão e prática de missão da igreja. Um desses modelos é sugerido pelo encontro visionário de Ezequiel (Ezequiel 37); outro modelo é a proclamação missionária de Jesus em Nazaré (Lucas 4). Não há um único modelo que explique tudo. Cada um deles oferece desafios e oportunidades. Para este documento, o encontro no caminho para Emaús (Lucas 24.13-49) foi escolhido como o modelo que propõe e ilumina uma *abordagem hermenêutica em forma de espiral* da missão, uma abordagem que reflete a interação entre os contextos, a teologia e a prática. Ele também é considerado o melhor modelo, atualmente, para veicular a compreensão da missão como *acompanhamento*.

O encontro missionário começa quando Jesus caminha com os discípulos na estrada para Emaús e compartilha a dor deles ouvindo-os contar sua história (versículo 18). Jesus, então, interpreta as Escrituras e compartilha com os discípulos uma compreensão teológica do ato salvífico de Deus na história e lhes revela no partir do pão a presença do Ressurreto em meio a eles. Os discípulos, com os olhos abertos para a irrupção do reinado de Deus, transformados pelo encontro e celebrando a presença reconciliadora de Cristo, saem empoderados para compartilhar essa boa nova com as pessoas que são membros da comunidade que os nutre e com outras.



© CAM Barbara Robra

Seguindo o modelo do caminho de Emaús, este documento começa com uma seção que procura definir e analisar os contextos da missão. A segunda seção discute a teologia da missão, e a terceira focaliza a prática da missão. A missão como transformação, reconciliação e empoderamento segue uma abordagem de espiral hermenêutica, e não uma abordagem linear, e se baseia na concepção dinâmica de que a missão é contextual. Isso significa que a boa nova só pode ser comunicada eficazmente às pessoas dentro do próprio contexto delas, através de uma linguagem e de ações que sejam parte integrante desse contexto. Uma espiral dinâmica está em ação quando a compreensão da igreja a respeito de seu contexto interage com sua teologia, a qual é intencionalmente encarnacional (i. e., reflete o contexto e é informada por ele). Tal teologia contextual, por sua vez, promove as práticas da missão que interagem e transformam o

contexto e se alimenta delas. Dessa forma, a igreja é desafiada a encetar de maneira sempre nova a jornada de reexaminar seu contexto cambiante à luz de sua teologia e suas práticas, aprofundando a contextualização de sua teologia e reenforcando suas práticas. Como no exemplo do caminho de Emaús, a igreja executa sua missão como acompanhamento às pessoas na complexidade de seus contextos.

Os discípulos, com os olhos abertos para a irrupção do reinado de Deus, transformados pelo encontro e celebrando a presença reconciliadora de Cristo, saem empoderados para compartilhar essa boa nova com as pessoas que são membros da comunidade que os nutre e com outras.

MISSÃO EM CONTEXTO

10

SEÇÃO 1

CONTEXTOS DA MISSÃO

Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém cerca de 10 km. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer. Então, lhes perguntou Jesus: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?” E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: “É o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?” Ele lhes perguntou: “Quais?” (Lucas 24.13-19a)



CONTEXTOS DA MISSÃO

Da mesma forma que a encarnação de Deus aconteceu dentro de um contexto específico (Lucas 2.1-2), a missão de Deus sempre tem lugar em contextos sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais específicos. Os contextos do presente certamente são diferentes do contexto da Judéia há 2 mil anos, mas ainda assim o reinado de Deus irrompe em contextos específicos no mundo de hoje. Assim, engajar-se na missão requer um discernimento orante dos sinais dos tempos e uma leitura fiel dos contextos. Para uma missão contextual e holística eficaz, a igreja é desafiada a se envolver na análise e no discernimento do contexto local e nacional, tendo em mente o impacto de fatores regionais e globais sobre os contextos locais. Este documento tenta enfatizar alguns aspectos dos contextos global e regionais e, ao mesmo tempo, urge a igreja local continuar aprofundando o processo dentro de seus próprios contextos.

1.1. Discernimento e definição dos contextos da missão

Os contextos nos quais as pessoas vivem moldam e influenciam sua compreensão do mundo, do evangelho e delas mesmas. Conseqüentemente, a igreja não pode supor que sua concepção do mundo, dos outros, da terra e de Deus seja universal. A igreja define seus contextos para ajudá-la a *estar* no mundo, sem ser assimilada *pelo* mundo (João 17), e para discernir as coisas e as pessoas em seus contextos que Deus quer transformar, reconciliar e empoderar.

Definir um contexto não consiste simplesmente em enumerar fatores pertinentes a ele. Implica identificar, analisar, conhecer e categorizar a fim de transformar o contexto. É um empreendimento cooperativo de conversa e diálogo, escutar e falar, agir e observar, dar e receber. A interação é uma parte essencial do processo de definir e descobrir o contexto



CONTEXTOS DA MISSÃO

da missão. Às vezes, uma voz de fora ajuda a igreja a ver seu próprio contexto a uma nova luz. Mais especificamente, vozes marginalizadas e excluídas revelam contextos de maneiras novas, intensificando o foco da igreja na missão.

Ao analisar seu contexto, a igreja poderá se fazer, entre outras coisas, perguntas relacionadas a situações que requerem transformação e/ou cura, situações de conflito e reconciliação e situações de controle do poder – seu abuso, mau uso ou a falta dele. Compreender os contextos exige que se definam as realidades e os poderes atuantes no mundo; isso inclui nomear tanto os poderes do mal quanto o poder de Deus. O pecado, a destruição, as relações individuais e comunitárias rompidas e a degradação ecológica revelam um modo de vida que não é o que Deus pretendeu. Os contextos, entretanto, também são lugares e situações onde Deus já está atuando para realizar seu reinado prometido. Estes são lugares onde o povo de Deus atua em diferentes vocações. Estes também são eventos onde a boa nova é proclamada, as vozes dos oprimidos são ouvidas, as injustiças são atacadas e a saúde de todas as pessoas e da criação é restaurada. A igreja poderá cometer erros no esforço de definir ou nomear seu contexto. No entanto, sem compreender os contextos, a igreja pode simplesmente supor que a maneira como as coisas são seja a maneira como elas deveriam ser.

1.2. Vozes que definem os contextos

Há muitas vozes importantes no mundo que definem os contextos e as quais a igreja precisa ouvir cuidadosa e intencionalmente. Os clamores dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos, dos esquecidos e dos silenciados apontam para a arrogância destrutiva dos poderosos e para a necessidade do reinado de Deus que irrompe em Cristo, onde há justiça e inclusão numa comunidade que oferece vida. Os novos métodos corretivos de interpretação das teologias das mulheres, a voz criativa da juventude e os testemunhos das pessoas que experimentaram a presença e atuação empoderadora de Deus na comunidade delas capacitam a igreja a discernir onde em seu contexto há necessidade de transformação, reconciliação e empoderamento.

As Escrituras, na medida em que são compartilhadas em contexto, fornecem um tipo diferente de lentes para ver o mundo e os valores e ideais nele atuantes. Assim como Jesus fez ao abrir as Escrituras com os discípulos no caminho de Emaús, elas ajudam a igreja a avaliar seus próprios contextos a partir de uma perspectiva histórica mais ampla e a partir da perspectiva dos propósitos de Deus para o mundo. Do mesmo modo, documentos teológicos e confessionais, com temas como justificação, graça, Palavra e sacramentos, moldam a maneira como a igreja vê seus contextos a partir de uma nova perspectiva. O engajamento ecumênico e os resultados de diálogos ecumênicos e interreligiosos também fornecem uma perspectiva diferente e poderão dar vislumbres novos ou mais claros da irrupção do reinado de Deus no mundo, juntamente com novas possibilidades e desafios para a missão que talvez não tenham sido percebidos.

Os profetas na sociedade, dentro e fora da igreja, descrevem a realidade de diferentes contextos. Eles poderão ser cientistas, sábios, mulheres preocupadas ou vozes clamando no deserto da vida das pessoas. Eles poderão questionar as suposições da igreja e desafiá-la a revisar suas prioridades e ideais. A criação de Deus também levanta sua voz para definir os contextos. Ela testemunha a glória de Deus (Salmo 19.1-4), um Deus que se deleita em alimentar a vida física, emocional e espiritual de toda a criação. Ela também denuncia dolentemente a ganância humana e a violência gratuita que causam uma incalculável devastação e ruína do meio ambiente.

Há outras vozes que a igreja precisa escutar e outras ferramentas analíticas que ela pode usar para definir seu contexto, mas nem todas elas podem ser expostas aqui. Esta seção descreve algumas formas e ferramentas básicas para que a igreja comece a discernir e definir o lugar onde ela é chamada a participar na missão de Deus e, dessa forma, envolver-se na espiral hermenêutica.

Compreender os contextos exige que se definam as realidades e os poderes atuantes no mundo; isso inclui nomear tanto os poderes do mal quanto o poder de Deus.

1.3. A mudança de realidades globais que afetam os contextos global e locais

A missão de Deus e a missão da igreja dela resultante acontecem em contextos de permanente mudança. Os contextos da igreja diferem de lugar para lugar, e as formas dos contextos poderão mudar. Não obstante, apesar das mudanças constantes e das diferenças nos contextos, há certos temas abrangentes que se apresentam quando a igreja olha para os contextos da missão no começo de um novo século. Os exemplos dados aqui, entretanto, de maneira alguma são uma lista completa de todos os fatores que a igreja precisa levar em conta no que diz respeito a seu contexto. Ao explorar seu contexto, a igreja irá perceber como questões do contexto afetam sua vida e seu testemunho. Ela também poderá perguntar que outros fatores são importantes no sentido de moldar seu contexto e como esses fatores têm implicações práticas tanto positivas quanto negativas para as pessoas envolvidas na missão de Deus.

1.3.1. Os complexos efeitos da globalização

A virada do século foi marcada por mudanças historicamente significativas, entre elas a queda da União Soviética e o fim da guerra fria, a ascensão da hegemonia de uma superpotência, o desmantelamento do *apartheid* como justificação oficial do racismo, e a revolução da tecnologia da informação, que abriu o caminho para a globalização. Partes diferentes do mundo tornaram-se crescentemente interligadas em decorrência da me-

lhoria dos meios de transporte e das tecnologias da comunicação. Em geral, a globalização tem tido um impacto considerável em todos os aspectos da vida da sociedade: na economia, na política, na cultura, na comunicação e na percepção individual de valor e moralidade. Por um lado, a globalização trouxe uma série de benefícios em diferentes aspectos da vida. A melhoria do transporte permite que as pessoas viajem amplamente com maior flexibilidade e eficiência e se encontrem com pessoas de culturas diferentes em seus próprios contextos. A tecnologia da comunicação, como a internet, por exemplo, promoveu a democratização das informações, que não podem mais ser controladas ou manipuladas tão facilmente pelo Estado. O conhecimento científico e técnico, as melhores práticas em diferentes áreas dos empreendimentos humanos, bem como expectativas e oportunidades são compartilhadas por sobre as fronteiras regionais e nacionais.

Até certo ponto, a globalização também aumentou a fiscalização pública dos governos, melhorou a capacidade das pessoas de reagir com rapidez e flexibilidade às crises e facilitou a consciência dos direitos humanos e seu abuso no mundo inteiro. Socialmente falando, a globalização dá às pessoas uma sensação de familiaridade onde quer que elas estejam. Em termos ecológicos, ela intensifica a sensibilidade para a finitude e a interconexão do ecossistema.

Por outro lado, com sua promoção do individualismo à custa da comunidade, a globalização aumentou a distância entre as pessoas, entre nações, entre os ricos e os pobres. Os efeitos adversos da globalização econômica neoliberal, com sua ênfase no lucro, na concorrência, na consolidação dos conglomerados e na propriedade privada dos meios de produção, reduziram a economia de muitos países, especialmente no hemisfério sul, para uma economia de pura sobrevivência. As economias locais estão à mercê das corporações multinacionais, que ditam o curso da economia globalizada. Algumas corporações são mais ricas – e, em conseqüência, têm mais poder – do que a maioria dos governos do mundo. Além dos ônus debilitantes da dívida, as nações empobrecidas sofrem os efeitos negativos da mercantilização da vida e dos corpos, da oci-



dentalização da cultura e da feminização da pobreza. Como resultado da agricultura voltada para a venda das colheitas, da agroindústria e das mudanças climáticas severas, muitas nações do hemisfério sul não são capazes de manter a segurança alimentar. A cada ano, milhares de famílias e nações inteiras se encontram em uma situação econômica pior do que antes. O número de jovens formados que estão sem emprego está aumentando cada vez mais.

O consumismo, um elemento essencial da economia neoliberal, representa um desafio para a igreja em missão. Embora um alto nível de consumo seja necessário para estimular a economia baseada no mercado, a mentalidade do mercado, que atribui valores de mercado a tudo, incluindo a moralidade e a religião, incentiva e promove o consumismo. Uma economia que floresce à base de gastar mais em vez de economizar é prejudicial para a manutenção dos recursos da terra para as gerações futuras. A propaganda encorajou o consumismo até mesmo em lugares onde a pobreza predomina. Ela muitas vezes obscurece a diferença entre desejos e necessidades, e sua ênfase em comprar em vez de reciclar exerce um efeito prejudicial sobre a sociedade e o meio ambiente.

A igreja em missão é desafiada a abordar as injustiças econômicas e a questionar qualquer concepção que defina ou avalie as pessoas de acordo com sua riqueza ou seu valor de mercado (cf. o documento

da FLM intitulado *Engaging Economic Globalization as a Communion* [Envolver-se com a globalização econômica como Comunhão], de maio de 2001).

À medida que a economia globalizada baseada no consumo tem continuidade, a devastação do ecossistema se intensifica. À medida que as florestas tropicais continuam sendo destruídas e o uso de pesticidas tem aumentado para maximizar os lucros, a quantidade de terra adequada para agricultura tem diminuído devido à crescente desertificação. A tendência para a agricultura corporativa tem gerado desemprego e, conseqüentemente, migração do campo para as cidades, ressaltando, assim, a conexão entre questões ecológicas e econômicas. A invasão de certos aspectos predatórios da civilização ocidental em outras áreas da terra, o rápido aumento da população mundial e tradições culturais prejudiciais têm levado à extinção de muitas espécies de animais e plantas e ameaçam o delicado equilíbrio de ecossistemas frágeis.

Os avanços tecnológicos e as comodidades modernas muitas vezes surgem à custa da terra, do ar e da água. A poluição através de produtos químicos, emissões nocivas e radiação ameaça o bem-estar

Em geral, a globalização tem tido um impacto considerável em todos os aspectos da vida da sociedade: na economia, na política, na cultura, na comunicação e na percepção individual de valor e moralidade.

de toda a criação. A criação de Deus tem sofrido muito nas mãos dos seres humanos pecadores. Ao mesmo tempo, entretanto, os avanços tecnológicos têm permitido às pessoas descobrir, investigar e eliminar outras práticas e substâncias nocivas. Por exemplo, os avanços farmacológicos e a descoberta do papel da radiação no diagnóstico de doenças têm salvo incontáveis vidas no mundo todo.

1.3.2. Contextos tecnológicos

Juntamente com a globalização têm ocorrido um crescente uso da tecnologia e um maior acesso a informações. A tecnologia da informação tem tanto aspectos positivos quanto negativos. No lado positivo, as pessoas podem se comunicar umas com as outras mais livre e imediatamente, e a possibilidade de armazenar, recuperar, processar e divulgar informações aumentou. As pessoas também são capazes de transcender as tradicionais fronteiras geográficas das religiões. A tecnologia da informação também poderá permitir que a igreja alcance pessoas que se afastaram das comunidades religiosas institucionais.

No lado negativo, o contato “virtual” poderá se tornar mais importante do que o contato pessoal. Além disso, a tecnologia da informação corre o risco de aumentar a distância entre as pessoas que têm acesso a essa tecnologia e as que não têm. Os ricos têm acesso mais fácil às inovações tecnológicas do que os pobres, criando assim uma cunha maior entre os países e indivíduos afluentes e os pobres do mundo.

Há um florescente mercado global de engenharia genética aplicada à vida dos animais e das plantas. Alimentos geneticamente modificados estão criando novas dependências, apesar de as consequências fisiológicas ainda não serem conhecidas. O patenteamento genético de plantas usadas pelos indígenas feito por corporações agrícolas globais desenvolve e apóia o processo de dependência existente e a privação do direito de propriedade dos países do hemisfério sul.

Ao mesmo tempo em que os movimentos globalizados de mulheres abriram portas para que muitas mulheres reafirmem seus direitos sobre seu próprio corpo, a globalização da economia e da mídia de entretenimento aumentou a exploração das mulheres como barrigas de aluguel e reduziu os corpos das mulheres a mercadorias objetivizadas ou a doadoras de óvulos. A possibilidade de conhecer o sexo do bebê antes do nascimento levou a um aumento de abortos de fetos femininos em lugares onde as crianças do sexo masculino são consideradas mais desejáveis.



© CAM Barbara Robbra

CONTEXTOS DA MISSÃO

A capacidade de se fazer algo não significa necessariamente que seja certo fazê-lo. Os cientistas exercem um poder significativo num mundo que idolatra a tecnologia, e há uma tentação de se abusar desse poder para objetivos militares, entre outros. Ao se engajar na missão e vislumbrar a irrupção do reinado de Deus em Cristo, a igreja se depara com dilemas éticos sobre o valor e o uso de tecnologias. Ela tem de levar seriamente em conta o que é apropriado e ter em mente a integridade cultural e a responsabilidade pública.

1.3.3. Contextos da saúde

Os avanços no conhecimento científico e na tecnologia acarretaram progressos consideráveis no combate a várias doenças e outras ameaças à saúde. Entretanto, apesar do progresso tecnológico, o mundo continua a lutar com questões de saúde. A intensidade dessa luta, porém, é diferente de um continente para outro. Mesmo no século 21, a ligação entre doença e pobreza é impressionante. Em muitos países do hemisfério sul, e também em bolsões de pobreza dos países ricos, os pobres são mais propensos a terem má saúde do que os ricos. A doença enfraquece as débeis economias dos países do hemisfério sul.

O mundo de hoje está marcado por diferentes doenças físicas, mentais, psicológicas, emocionais, espirituais, relacionais e sociais, algumas das quais são reconhecidas, enquanto outras são mantidas ocultas e são objeto de negação. Entre as últimas estão doenças letais como a AIDS/HIV, a tuberculose e a malária, que devastam continentes inteiros. A AIDS/HIV atingiu proporções pandêmicas em muitos países do hemisfério sul. Fatores econômicos e culturais, entre outros, têm afetado a capacidade de alguns países de reagir apropriadamente. Apesar de ser primordialmente uma questão de saúde, ela também cria sérios problemas sociais e econômicos, entre eles um crescente número de órfãos e a incapacidade das famílias afetadas pela AIDS de proverem seu sustento. Em alguns lugares, as crianças e as mulheres estão se tornando muito mais vulneráveis e oneradas. Programas educacionais de saúde são importantes, assim como a necessidade de romper o silêncio sobre esta doença e outras questões relacionadas à saúde. A igreja tem

tido dificuldade em discutir esse assunto publicamente, no entanto essa crise constitui uma oportunidade desafiadora para a igreja em missão.

A doença pode resultar em diminuição permanente da capacidade. Deficiências, porém, não são doenças. Aproximadamente 10% da população de qualquer país têm uma das cinco principais categorias de deficiência: deficiência física, cegueira, surdez, capacidade intelectual diminuída e doenças mentais. Tais pessoas sofrem discriminação quando procuram emprego e são discriminadas no local de trabalho. Prédios públicos, locais de trabalho e até mesmo igrejas nem sempre são acessíveis para as pessoas que têm problemas em andar. Em grau crescente, as igrejas estão envidando esforços para oferecer maneiras para que as pessoas portadoras de deficiência possam participar plenamente da vida e da obra da igreja (p. ex., interpretação em linguagem de sinais para os surdos). Trabalhar com outros para educar a sociedade no sentido de remover os obstáculos físicos e parar com a estigmatização e a exclusão de pessoas portadoras de deficiência é um desafio urgente para a igreja.

1.3.4. A violência no mundo

A missão de Deus sempre aconteceu em meio a um mundo violento. A crucificação foi um ato de violência contra Deus e, indiretamente, contra a humanidade e toda a criação. A missão da igreja começou em meio a perseguição e violência. A violência, em todas suas formas, seja aberta ou encoberta, sempre foi usada para obter poder sobre outras pessoas. É uma ferramenta potente usada pelas pessoas que têm poder ou que o buscam para controlar, suprimir ou forçar mudanças para seu benefício próprio. Ela é um pecado.

Guerra e conflito: A violência, o conflito e a guerra acontecem entre as nações ou dentro delas como lutas pelo poder para manter ou aumentar o

O patenteamento genético de plantas usadas pelos indígenas feito por corporações agrícolas globais desenvolve e apóia o processo de dependência existente e a privação do direito de propriedade dos países do hemisfério sul.

controle sobre recursos limitados e atingir uma superioridade inconteste. No passado, guerras convencionais podem ter sido travadas por militares com regras predeterminadas de envolvimento. Mais recentemente, insurrecionistas, rebeldes e líderes militares têm se envolvido em conflitos armados. Civis inocentes, especialmente crianças e mulheres, são arrastados para dentro desses conflitos e usados como títeres, escudos e alvos. O uso do terror como meio poderoso de destruir o inimigo sempre tem acompanhado os conflitos armados. Os avanços tecnológicos da atualidade tornam essa forma de violência ainda mais letal, física e psicologicamente.

A guerra traz incontáveis sofrimentos, doenças e pobreza para os que são mais vulneráveis: os idosos, as mulheres e as crianças e para as gerações futuras. Ela devasta a infra-estrutura e o meio ambiente.

Igualmente destrutiva é a violência disfarçada da guerra geopolítica e econômica contra nações empobrecidas. Isso ocorre quando a ajuda depende da adoção de várias políticas que beneficiam os doadores à custa dos receptores. As dívidas ilegítimas dos países do hemisfério sul e a facilitação de investimentos no exterior para maximizar o lucro, em detrimento dos países onde são feitos os investimentos, são exemplos da violência encoberta. A pobreza é, ela

própria, uma forma de violência, pois rouba das pessoas sua dignidade humana, saúde e bem-estar.

Violência estrutural e sistêmica: A violência acontece quando estruturas sociais são estabelecidas e mantidas por grupos privilegiados em seu próprio benefício.

Estruturas patriarcais, por exemplo, não reconhecem os direitos e a igualdade das mulheres. Grupos de migrantes são explorados, e os imigrantes são tratados injustamente por razões étnicas, raciais, sexuais ou religiosas. A estratificação social é outra forma de violência social. Os "intocáveis" ou as pessoas que pertencem à posição

social mais baixa da sociedade são, muitas vezes, excluídos injustamente. Estruturas sociais ou políticas como a ditadura, a oligarquia e o patriarcado têm resultado sempre em violência sistêmica. Ela fomenta a supressão de direitos humanos e civis, a implementação de diretrizes políticas injustas e a imposição unilateral de valores regionais, ideologias e economias. O gênero, a raça, a etnia, a religião, a orientação sexual e até mesmo a língua têm sido usadas como base para excluir pessoas ou deixá-las sem expressar sua voz. Em casos extremos, isso pode levar à chamada limpeza étnica e ao genocídio. Ao longo de toda a história, a violência sistêmica tem sido contestada. A contraviolência, incluindo o uso de terror em nível nacional e regional, tem causado sofrimento e destruição prolongados.

Violência contra as mulheres, as crianças e os idosos: A violência é também a causa de sofrimento terrível no lar, geralmente contra as mulheres, as crianças, os idosos e as pessoas com necessidades especiais. Tais pessoas podem sofrer abusos físicos, sexuais e mentais. Para exercer maior controle sobre as mulheres espancadas, elas são isoladas de comunidades que possam ajudá-las e apoiá-las. A violência também toma a forma de desigualdade em salários e oportunidades entre homens e mulheres, e, no setor corporativo, as mulheres ou representantes de minorias são impedidas de atingir as posições mais elevadas dentro das empresas. A linguagem exclusiva torna metade da população do mundo sem voz e sem nome (cf. o documento da FLM intitulado *Churches Say "NO" to Violence Against Women* [As igrejas dizem "NÃO" à violência contra as mulheres], de 2001). A violência contra as crianças ocorre quando elas ficam subnutridas ou se lhes nega acesso à educação, também quando são forçadas a lutar em guerras, a se prostituir e a trabalhar.

A violência contra os idosos ocorre quando as instituições destroem sua dignidade ou lhes dão sedativos fortes, ou quando seus próprios filhos e a sociedade abusam deles financeira, social, física ou intelectualmente. A sabedoria dos idosos é muitas vezes rejeitada ou suprimida e se esquece a contribuição que eles dão na transmissão de valores e experiências de vida para as novas gerações. A igreja em missão é chamada a responder a essa violência de formas que encorajem a comunidade e não o isolamento da comunidade.



A violência na religião e na igreja: O fanatismo religioso é um triste fato da história humana. Ele provoca a violência que pode estar voltada para dentro, na tentativa de purificar e limpar a igreja ou organismo religioso, ou para fora, contra membros de outras religiões ou até de outras denominações. De certa maneira, essa forma de violência é a pior, pois se justifica em nome da religião e de Deus. Essa violência tem sido praticada abertamente por zelotes fanáticos de todas as religiões e de modo encoberto através de concepções e compreensões mal informadas a respeito de outras religiões, o que influencia diretamente a compreensão da missão.

A igreja nem sempre é a vítima da violência, embora esse seja freqüentemente o caso. A igreja também tem sido violenta para com seus próprios membros. As igrejas coloniais exerceram poder sobre as igrejas em desenvolvimento que resultaram da missão, fazendo com que, muitas vezes, essas igrejas mais jovens não formassem sua própria liderança e sua própria concepção de missão. O abuso de poder e as disputas em torno de propriedades pelas autoridades da igreja foram, freqüentemente, a causa de conflitos na igreja. As mulheres foram sutil e obviamente excluídas das posições de liderança e supervisão na igreja, e suas vozes, assim como as dos jovens, foram silenciadas ou ignoradas.

A violência procura isolar e separar as pessoas de suas comunidades e de suas fontes de sustento e esperança. Ela trata as pessoas como se fossem menos que humanas. A violência é um



© CAM Barbara Robbra

pecado que tenta suprimir e negar todos os sinais de esperança e comunidade em Deus. A igreja em missão é chamada a nomear e denunciar essa violência e acompanhar as pessoas que buscam a justiça e a paz para empoderá-las.

1.3.5. Contextos religioso, cultural e político

Em muitas partes do mundo, apesar da violência e da calamidade, ou devido a elas, há uma onda de espiritualidade: as pessoas estão buscando novas formas de espiritualidade para satisfazer seu anseio de pertença. Muitas vezes, a igreja institucio-



FAT ©

nal parece não oferecer a satisfação espiritual que elas procuram. Em muitos países da Europa – definidos pelos analistas como pós-cristãos, pós-modernos, altamente secularizados e dirigidos pelo mercado –, as igrejas perderam muitos membros devido a uma falta geral de interesse pela vida da igreja e sua missão. O que se chamava de cristandade não existe mais. Em vez disso, formas novas ou redescobertas de religião estão tirando vantagem da busca de espiritualidade. Algumas pessoas deixaram as religiões institucionais para redescobrir suas raízes culturais, para se envolver com o espiritismo ou para abraçar a secularização.

O gênero, a raça, a etnia, a religião, a orientação sexual e até mesmo a língua têm sido usadas como base para excluir pessoas ou deixá-las sem expressar sua voz.

Um novo desafio para a igreja em missão, especialmente no hemisfério norte, é o de se posicionar frente à pluralidade religiosa e cultural existente em seu meio. A migração em grande escala de pes-

soas que foram para outras regiões e continentes em busca de oportunidades financeiras ou para fugir da opressão e da violência tem acarretado uma crescente diversidade de religiões e culturas nas grandes cidades do mundo. As culturas religiosas já não estão isoladas umas das outras. Em tais situações multiculturais,

as pessoas sentem que sua autocompreensão ou sua identidade é questionada. Elas procuram suas raízes e um sentido ou propósito na vida. Muitas delas se envolvem em processos constantes de autoconstrução ou “projetos identitários”. Isso é evidente na cultura dos jovens e entre os migrantes, mas é também uma característica da vida da maioria das pessoas. Os projetos identitários ocorrem, tanto no nível individual quanto no coletivo, quando as pessoas se empenham para moldar ou remoldar sua identidade individual ou coletiva, ou mesmo tentam reescrever a história. Essa perspectiva talvez ajude a explicar as causas dos conflitos regionais e também a esclarecer o crescimento do fundamentalismo e do nacionalismo. As igrejas dos países que recebem imigrantes ou refugiados são desafiadas a se envolver numa interação diária através do diálogo e da hospitalidade.

Uma reação ao crescente pluralismo religioso tem sido um fundamentalismo reacionário, com seu forte desejo de que os grupos protejam a si mesmos e sua identidade de influências de fora ou que recuperem uma lealdade apaixonada a uma crença religiosa tradicional idealizada. A necessidade de recuperar ou enfatizar os aspectos fundamentais da fé é importante e empoderador para a pessoa, assim como a dinâmica inerente aos aspectos fundamentais tem influência transformadora sobre o indiví-

MISSÃO EM CONTEXTO

20

CONTEXTOS DA MISSÃO

duo, a comunidade religiosa e a sociedade de uma forma mais ampla. O fundamentalismo, entretanto, torna absolutos tais aspectos fundamentais e os impõe a todos na comunidade. Quando está ligado ao poder político e econômico, o fundamentalismo reacionário pode ser usado para justificar a oposição ou a violência contra os de fora.

Uma mudança cultural abrangente, descrita como a transição da sociedade moderna para a sociedade da modernidade tardia ou pós-moderna, foi identificada como um dos contextos mais desafiantes da missão. Essa mudança cultural está estreitamente associada à globalização e é considerada como sendo as repercussões sociais, culturais e religiosas da globalização. Ela se caracteriza por um questionamento radical dos esquemas conceituais recebidos e do que antes era tido como verdade e autoridade. Nada pode ser dado como certo na ciência, na religião ou na busca de estabilidade nos modelos de família ou nas formas tradicionais de autoridade. O sentimento de insegurança irá aumentar num mundo onde o sentido da linguagem e da hermenêutica ocupa uma posição proeminente na comunidade científica. Quando a verdade teológica é questionada, a missão da igreja no mundo é desafiada. Por meio dos processos globais de influência, esses fenômenos não permanecem no hemisfério norte, onde surgiram, mas já podem ser sentidos em diferentes partes do mundo.

As pessoas cristãs vivem e trabalham em contextos políticos os mais diferentes. Há divergências de opinião a respeito da participação ou oposição dos governos para com a missão de Deus. As pessoas podem confundir o reinado de Deus com o poder político, especialmente quando o termo “reino de Deus” é usado. Uma boa governança faz com que seja tentador supor que ela seja “abençoada por Deus” e que tal sistema seja ordenado para todas as culturas. Todo sistema de governo, entretanto, impõe suas perspectivas contextuais e ideológicas à sociedade. A imposição de ideologias políticas pode silenciar as vozes das pessoas, roubar delas sua dignidade, promover a violência sistêmica ou levar a conflitos globais. Má governança poderá obstruir o acesso a recursos nas áreas da educação, saúde, segurança ou organização. Ainda assim, a missão de Deus acontece em meio às ambigüidades desses contextos.

1.4. Contexto e teologia

Algumas das realidades dos contextos do presente, as quais têm implicações para a missão e a teologia da igreja, foram identificadas. Os discípulos no caminho de Emaús passaram a ver seu contexto de uma forma diferente quando Jesus abriu as Escrituras e se revelou a eles como o Cristo ressurreto no partir do pão. Esse esclarecimento foi necessário para que eles pudessem compreender e tratar seu contexto de uma forma que os ajudasse e empoderasse para a missão. A igreja também precisa refletir criticamente sobre sua teologia e prática da missão à luz da Palavra de Deus, que se faz viva pelo Espírito Santo dentro de cada contexto.

O contexto e a teologia se relacionam entre si de maneira dialética e dialogal, convenientemente descrita como *espiral hermenêutica*. A teologia busca sua origem no ouvir da Palavra de Deus dentro do contexto, seguido pelo compromisso da fé. A “fé ativa no amor”, nascida do ouvir e do agir da Palavra criativa de Deus, se expressa na prática; isto é, uma atividade que procura encarnar o evangelho na vida e no contexto de uma comunidade. A teologia cristã é uma reflexão fiel do ser e do agir de Deus no mundo e sobre a prática da igreja e do indivíduo. A teologia da missão, mais especificamente, reflete sobre a missão de Deus e a resposta da igreja ao chamado gracioso de Cristo para segui-lo.



CONTEXTOS DA MISSÃO

Como reflete sobre a prática, a teologia cristã é necessariamente contextual: ao mesmo tempo em que aborda o contexto, ela é influenciada e, num grau mais profundo, condicionada por ele. A teologia, portanto, precisa ser desafiada continuamente e transformada pela Palavra de Deus que vem das Escrituras. Os discípulos no caminho de Emaús tiveram sua teologia anterior sobre o Cristo contestada e transformada pelo Cristo ressurreto. Uma teologia que seja capaz de articular a missão de Deus tem de ser transformada continuamente pela Palavra ouvida dentro do contexto e da prática.

Além disso, a teologia, recorrendo a uma longa história e à riqueza da tradição e das confissões cristãs, aguça a análise e a definição do contexto pela igreja. Servindo fielmente a igreja missional, na tensão dialética entre a prática em contexto e a palavra criativa de Deus, a teologia capacita a igreja a pensar claramente sobre seus engajamentos no mundo e fortalece a compreensão da igreja a respeito de sua razão de ser.

Uma mudança cultural abrangente, descrita como a transição da sociedade moderna para a sociedade da modernidade tardia ou pós-moderna, foi identificada como um dos contextos mais desafiantes da missão.

SEÇÃO 2

TEOLOGIA DA MISSÃO

Então, lhes disse Jesus: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. (Lucas 24.25-27)



TEOLOGIA DA MISSÃO

2.0. Introdução

O tema do povo de Deus sendo enviado ao mundo para anunciar a irrupção do reinado gracioso de Deus em Cristo aparece por todo o Novo Testamento, apesar de a palavra “missão” não se encontrar nas Escrituras. A partir do século 16, devido a circunstâncias históricas, a missão se tornou atrelada à conquista, ao colonialismo, ao imperialismo cultural e religioso e à implantação do cristianismo ocidental em todo o globo. Atualmente, há conotações diferentes da palavra “missão”, e existe confusão e até aversão em relação ao termo. Espera-se que a discussão dos fundamentos teológicos da missão, usando a abordagem da espiral hermenêutica, clareie até certo

Nas Escrituras o que é essencial é a boa nova de que Jesus, o Cristo, é o Salvador e o fundamento da fé, bem como a fonte de toda missão transformadora.



© CAM Barbara Robra

TEOLOGIA DA MISSÃO

ponto as diferentes compreensões da missão e recupere o termo dos abusos que sofreu no passado.

A Palavra de Deus nas Escrituras, tornada viva no contexto pela ação do Espírito Santo, é o fundamento da fé, da vida, da missão e da teologia da igreja. Apesar de as diferentes partes das Escrituras não parecerem uniformes, a tradição luterana defende a concepção de que a Escritura se interpreta e se explica a si mesma, revelando o que é e o que não é essencial. Nas Escrituras o que é essencial é a boa nova de que Jesus, o Cristo, é o Salvador e o fundamento da fé, bem como a fonte de toda missão transformadora. A palavra desperta a fé, por meio da qual ela une uma pessoa com o Deus vivo, inaugurando, dessa maneira, uma nova realidade em Cristo, que está presente na fé através do Espírito Santo. É o mesmo Espírito Santo que sustém a fé, empoderando-a para ser fiel à Palavra e livre para a missão (João 14.12; Romanos 6.22; 7.4).

A missão da igreja continuará até à consumação do reinado de Deus. De acordo com os testemunhos das Escrituras, o reinado de Deus é escatológico; isto é, uma realidade do fim dos tempos que já está vindo, irrompendo nas vidas e contextos do aqui e do agora. Em Jesus, o Cristo, a plenitude de Deus foi revelada (Colossenses 1.19; 2.9). Com essa revelação, os novos céus e a nova terra (Apocalipse 21) de Deus estão irrompendo no mundo existente. A presente criação já participa da nova criação. Um sinal decisivo do reinado de Deus é a superação da morte na cruz

pela ressurreição de Cristo, a qual inaugurou um novo futuro para a humanidade com Deus.

O mundo e os seres humanos, entretanto, como parte da velha criação, estão ainda sob o signo da cruz e não estão ainda completamente redimidos. O poder destruidor do pecado, apesar de já ter sido derrotado na cruz, ainda afeta o modo de vida das pessoas no mundo. O pecado destruiu a harmonia no mundo criado e trouxe ao mundo alienação, culpa e vergonha. Ele causou o afastamento do ser humano em relação a Deus, a si próprio, aos próximos e à natureza. Esse “já e ainda não”, como o descreve o apóstolo Paulo, é a tensão básica da fé, do discurso e da vida diária dos cristãos e é parte constitutiva dos contextos de missão da igreja.

A perspectiva missiológica sobre o reinado de Deus exige uma discussão mais profunda entre as igrejas. É necessário mais clareza quanto à diferença entre o reinado de Deus como a presença de Deus no mundo desde a criação e a irrupção do reinado de Deus em Cristo. Da mesma forma, é necessário clareza quanto à diferença entre o reinado de Deus e o conceito tradicional de “reino de Deus” com a possibilidade de alguém estar de fora do reino, por sua própria opção, e do reinado de Deus em irrupção em Cristo. A escolha de “reinado de Deus” em vez de “reino de Deus” não se baseia simplesmente numa preferência por uma linguagem inclusiva. O reinado de Deus em irrupção em Cristo reafirma o reinado de Deus na criação, por causa da encarnação, mas é, ao mesmo tempo, a confirmação de sua consumação final, inaugurada pela ressurreição de Cristo. Além disso, o reinado escatológico de Deus em Cristo expressa de maneira dinâmica a interação de Deus com o mundo e Sua ação nele. Em termos comparativos, o termo “reino de Deus” é muito mais estático e vinculado ao espaço e poderia, assim, ser facilmente confundido com o conceito de cristandade.

2.1. A missão de Deus

Em meio às ambigüidades da vida e às tribulações de um mundo violento, a igreja aprendeu a confiar na revelação das Escrituras de que o Deus

Um sinal decisivo do reinado de Deus é a superação da morte na cruz pela ressurreição de Cristo, a qual inaugurou um novo futuro para a humanidade com Deus.

de Jesus Cristo é um Deus que está presente e age em amor no mundo e por ele. Deus está em missão. Em Jesus, Deus veio para o “país distante”; viveu e morreu junto com o filho perdido a fim de levá-lo para casa, com toda a dignidade dos filhos e filhas de Deus (Lucas 15.11-24). A missão do uno Deus de amor é uma missão de misericórdia e graça, e não de abandono e poder. A graça de Deus, superando as conseqüências do pecado – alienação, morte e depravação – vai além do indivíduo e se estende a todas as comunidades, a toda a criação. Toda a criação de Deus foi tocada por essa graça e está, portanto, esperando a transformação (Romanos 8.22-23).

Esse Deus em missão, que cria e sustenta o universo e, ainda assim, se torna vulnerável nas mãos de sua própria criação, é um Deus triúno. A Trindade descreve “Deus em missão” como sendo um Deus para os outros; a saber, toda a humanidade, o mundo

todo e a criação inteira. A Trindade é uma comunhão em missão, empoderando e acompanhando Aquele que foi enviado, o amado, para impactar o mundo com a transformação, a reconciliação e o empoderamento. Para a missão contínua de Deus, o Pai e o Espírito enviam o Filho, o Pai e o Filho espiram o Espírito, e o Filho e o

Espírito revelam a glória do Pai até aos confins do universo. Esse envio do amado – porém acompanhado e empoderado – esse ir ao encontro de outros e, desse modo, a aceitação da vulnerabilidade em amor, é característico da Trindade. É esse amor que une o Deus triúno.

2.1.1. A missão de Deus como Criador

A concepção bíblica da missão de Deus na criação reafirma um relacionamento entre Deus e o mundo. Deus criou o mundo a partir do nada por Sua vontade graciosa. Assim, o mundo é totalmente dependente de Deus, que, como fonte de toda vida, sustém, repleta, transforma e renova a vida no mundo (Salmo 104). A criação pertence ao coração e à substância do evangelho, pois o amor ilimitado e a bondade de Deus se manifestam na criação.

Em amor, Deus também compartilhou a tarefa de Sua missão na criação com todas as pessoas, criadas à imagem e semelhança de Deus para serem Seus colaboradores. As mulheres e os homens, como mordomos de Deus, são responsáveis perante Deus pelo cuidado da criação. Essa responsabilidade do “co-criador criado” está ligada de modo intrincado com a dignidade humana. Deus em sua graça também sustenta o mundo atuando dentro das sociedades e instituições humanas. A vocação das pessoas que confessam o nome de Deus é trabalhar em parceria com todas as pessoas para a realização do propósito divino de paz e integralidade. Isso inclui o trabalho pela justiça, a confiança entre os povos, a libertação da fome, o uso responsável dos recursos da terra e o uso apropriado da tecnologia para o bem-estar humano.

Mesmo que a humanidade e toda a criação sofram os poderes e as conseqüências do pecado (Romanos 8), como o contexto atesta dolorosamente, estes não têm a palavra final. A mensagem e a realidade da criação também incluem a promessa de que Deus irá fazer “novas todas as coisas” (Apocalipse 21.5). O Deus trinitário, portanto, está chamando as pessoas para participarem na missão na criação, a qual mesmo agora, em meio ao mal, antecipa a consumação vindoura. Transformação e justiça, perdão e reconciliação, cura e empoderamento são os sinais do futuro do mundo com Deus. As pessoas cristãs, em seus próprios contextos, podem fortalecer esses sinais encorajadores de várias formas.

A Trindade é uma comunhão em missão, empoderando e acompanhando Aquele que foi enviado, o amado, para impactar o mundo com a transformação, a reconciliação e o empoderamento.

TEOLOGIA DA MISSÃO

2.1.2. A missão de Deus como Redentor

A vida, a obra, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus revelam o amor incondicional de Deus pelo mundo que Ele criou (João 3.16). A integralidade da missão requer que todos os aspectos cristológicos essenciais sejam levados em consideração. A vida, o ensino e o ministério de Jesus dão um exemplo para o cristão de como a missão deveria ser feita: o “manifesto” pessoal de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lucas 4.16-20); o envio dos discípulos (Mateus 10); o ensino e as parábolas de Jesus; a cura e a alimentação dos famintos; o status, a dignidade e a importância que ele deu às mulheres e à participação delas em seu ministério. Mais importante, entretanto, é que a missão de Deus como Redentor se revela *no caminho do Filho*, isto é, no caminho da encarnação, da cruz e da ressurreição.

A *encarnação* oferece um modelo para a missão holística, porque, através da encarnação, Deus entra na totalidade da existência humana. O nascimento de Jesus significa a realização da promessa mais central na missão de Deus: enviar seu Filho ao mundo para salvá-lo. Em Jesus, Deus se tornou humano em um lugar, tempo e cultura específicos. Ele se sujeitou às condições humanas. Identificou-se com as pessoas, sendo solidário com qualquer pessoa necessitada. Em Jesus, Deus revelou a intenção original da criação e a verdadeira humanidade. *O caminho da encarnação* é um caminho de transformação e reconciliação.

O caminho da cruz é a forma poderosa de Deus dizer não ao pecado e à injustiça e de dizer sim ao amor e à justiça apesar da perseguição e crucificação. Ao se identificar com o sofrimento das pessoas e carregar seus pecados na cruz, Jesus Cristo penetrou na mais profunda escuridão da existência humana e superou o poder da morte. A morte de Cristo efetua a salvação, que tem a ver com todo o mundo: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Coríntios 5.19). A cruz de Cristo também revela a solidariedade de Deus com os excluídos e oprimidos bem como seu protesto contra a injustiça e opressão. Na verdade, nas profundezas de cada opressão e exclusão, experimentadas no contexto, está o Deus crucificado. Entretanto, a crucificação de Cristo não



toda a criação. Deus se reconcilia com a humanidade e com a criação através da morte e ressurreição de Cristo. Deus também tornou acessível a reconciliação entre os seres humanos e entre a humanidade e a criação. Além disso, a reconciliação de Cristo revela a verdadeira natureza das coisas. A própria criação adquire uma nova dimensão. Cada coisa criada, cada momento e acontecimento contêm potencialidades promotoras da vida; não se permite que nada tenha caráter final, até mesmo supostos “becos sem saída” são transformados em oportunidade para a missão. *O caminho da ressurreição* é um caminho de transformação e empoderamento.

2.1.3. A missão de Deus como Santificador

A missão de Deus continua no mundo através do Espírito Santo. O Espírito de Deus empoderou os profetas, desceu sobre Jesus desde o início de seu ministério, habitou nos primeiros discípulos e os empoderou, e enviou e equipou a igreja nascente para seu testemunho. Da mesma forma, o Espírito Santo chama, envia e capacita todo o povo de Deus em cada época, independentemente de gênero e idade, para participar da missão.

Através do evangelho, o Espírito Santo chama as pessoas ao arrependimento, à fé e a uma nova vida. É o Espírito que reúne num só corpo uma nova família, uma diversidade de seres humanos, quebrando as barreiras de classe, raça, gênero e cultura. Não são os mensageiros, mas o Espírito Santo que convence do pecado e da injustiça, que desperta a fé e que renova o povo de Deus para a missão, individual e coletivamente. No poder do Espírito Santo, a Palavra proclamada vai ao encontro e busca transformar até mesmo as pessoas que estão longe do reinado de Deus – as que se opõem ao evangelho, o ignoram ou distorcem.

Os frutos duradouros da missão são obra do Espírito Santo. O Espírito possibilita que esforços humanos imperfeitos se tornem instrumentos da missão de Deus. O Espírito Santo transforma as palavras humanas que proclamam a boa nova, a água do batismo, o pão e o vinho da eucaristia em sinais da presença de Cristo na igreja, empoderando-a para



© CAM Barbara Robins

santifica o sofrimento injusto nem fornece um modelo de como o sofrimento deveria ser suportado. Ela é, pelo contrário, um testemunho do desejo de Deus de que ninguém deveria sofrer violência. *O caminho da cruz* é um caminho de reconciliação e empoderamento.

A *ressurreição* de Cristo é o acontecimento único que transformou profundamente o mundo. A violência, a morte e o terror que sua finitude

traz consigo não têm mais a última palavra. A ressurreição inaugurou uma nova realidade de libertação e esperança para a humanidade e

O caminho da encarnação é um caminho de transformação e reconciliação. O caminho da cruz é um caminho de reconciliação e empoderamento. O caminho da ressurreição é um caminho de transformação e empoderamento.

a missão de Deus. O Espírito Santo equipa as pessoas cristãs e toda a igreja com uma diversidade de dons (1 Coríntios 12; Romanos 12; Efésios 4). Equipadas com esses dons espirituais (*charismata*), elas são capazes de proclamar o evangelho e compartilhar a vida descrita pelo evangelho com todos os povos em todos os lugares. Todos os dons do Espírito – pregação, ensino, cura, profecia, administração e outros dados a mulheres e homens – destinam-se a fortalecer as comunidades do povo de Deus reunido, as congregações, para o crescimento interno e a missão holística. O Espírito faz com que a igreja, embora imperfeita, seja um antegosto da era vindoura prometida.

2.2. A igreja em missão

A Trindade como “comunidade do envio divino” criou um espaço para que a igreja tenha parte na missão de Deus e, empoderada e acompanhada por graça, seja enviada “até aos confins da terra” (Atos 1.8). Receber a igreja, com toda a sua fragilidade humana, na comunhão missional divina (1 Coríntios 1.9) mostra a profundidade do amor de Deus e o grau de sua vulnerabilidade. A igreja em missão constitui a assembléia local dos crentes, empoderada pela Palavra de Deus e pelos sacramentos e guiada pelo Espírito Santo para participar da missão de Deus. A igreja se estende no espaço de modo a incluir os diferentes tipos de comunhão e diferentes expressões. Ela também

se estende no tempo de modo a incluir gerações anteriores e posteriores. A igreja em missão é o Corpo de Cristo no mundo.

A participação da igreja na missão de Deus é, portanto, um dom da graça de Deus, um dom que está fundamentado na irrupção do reinado de Deus em Cristo e se deriva dele. Criada por graça para ser parte da comunhão divina, a igreja não vive para si mesma, mas para Deus e para o mundo. Predestinada para ser conforme à imagem do Filho de Deus (Romanos 8.29), a igreja não apenas participa do cumprimento da missão de Deus, mas também é, ao mesmo tempo, o sinal de sua presença.

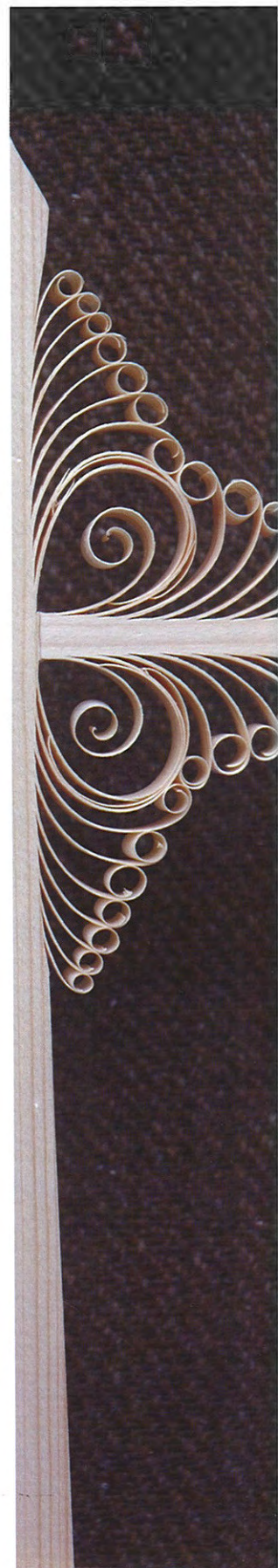
Dessa maneira, a missão da igreja é a missão do evangelho, e não da lei; pois a graça redentora de Deus libertou a igreja de uma busca compulsiva do sucesso e de resultados como fim em si. O sucesso da missão não pode ser medido principalmente por expectativas e raciocínios humanos. À medida que a igreja segue seu Senhor fielmente, confiando na presença do Cristo ressurreto em sua vida e testemunho, sua missão também reflete a vulnerabilidade do amor incondicional mostrado na cruz de Cristo. Na missão de Deus, a derrota humana muitas vezes se torna vitória, pois o poder de Cristo “se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12.9).

2.2.1. A missão faz parte do ser da igreja

A razão de ser da igreja, como Jesus indica, é participar da missão de Deus: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20.21). A igreja é o povo do próprio Deus criada para proclamar os feitos maravilhosos daquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz (1 Pedro 2.9). Desse modo, a missão faz parte do próprio ser da igreja. Estar em missão não é algo opcional para a igreja. A missão é parte constitutiva de seu ser como a “igreja una, santa, católica e apostólica” (Credo Niceno).

A missão e a igreja una, santa, católica e apostólica

A igreja como o Corpo de Cristo é una e participa na missão una do Deus triúno. Devido à fraqueza humana, a igreja não realizou ainda a uni-





cidade que ela confessa ter, mas tem tentado, no decorrer dos séculos, aproximar-se dessa unicidade se empenhando por realizar a missão em “unidade na diversidade”. Os cristãos sempre confessaram que a desunião da igreja é prejudicial a seu testemunho do amor de Deus. A oração sacerdotal de Cristo, “A fim de que todos sejam um; [...] para que o mundo creia” (João 17.21), também se tornou uma oração da igreja, pois ela anseia pelo dia em que será o uno “Corpo de Cristo”. A unidade da igreja é um dos objetivos da missão. Para as diferentes igrejas, participar juntas na missão de Deus, em empreendimentos conjuntos ecumênicos, é uma forma de experimentar a unidade, fortalecendo assim seu esforço nos diálogos ecumênicos.

A igreja é santa porque é uma comunhão que Deus ama e santifica separando-a para a missão. A santidade da igreja não está, portanto, em sua “alteridade” em relação ao mundo, mas se expressa precisamente em seu estar no mundo, participando na missão de Deus através de seu ser, sua presença e seus atos num mundo violento e ferido. À medida que a igreja aponta para a graça e o amor daquele que é santo em meio ao mundo autodestruidor, há um profundo sentimento de anseio e expectativa de santidade. A igreja em sua missão aponta para a sacralidade da vida e de toda a criação de Deus. Em sua presença ela testemunha, mesmo sem palavras, a dignidade e santidade da criação sustentada.

A igreja em missão é *apostólica* por ser empoderada, enviada e acompanhada para a missão pela “comunidade divina de envio”, a saber, o Deus triúno. A apostolicidade da igreja tem a ver primordialmente com o fato de ser enviada com uma mensagem de boa nova ao mundo (Mateus 28.18-20). Dessa forma, ela aponta para o papel crucial do ministério da Palavra e dos sacramentos no fortalecimento da igreja para a missão.

Tem sido muito debatido em algumas partes da Comunhão Luterana se a questão de convidar as pessoas para a graça do batismo é ou não uma parte integrante da apostolicidade da igreja. Alguns líderes da igreja na Ásia, por exemplo, sustentam que é teologicamente correto afirmar que os crentes não-batizados pertençam à igreja una, santa, católica e apostólica em virtude de sua fé. Por conseguinte, eles

consideram desnecessário expor esses crentes ao sofrimento social, político e econômico associado com o ato de serem batizados, sendo essa uma situação predominante na parte do mundo em que vivem. Igrejas luteranas de outros contextos, porém, acreditam firmemente que “batizar as pessoas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” faz parte do mandato apostólico da igreja.

Além do mais, a apostolicidade se refere menos à hierarquia e às autoridades da igreja do que à fé apostólica atuante na missão através de mulheres e homens. A apostolicidade destaca a natureza fundamental da igreja como igreja enviada. A apostolicidade também denota que Aquele que envia está sempre presente e atuante através da missão encarnacional da igreja. O envio, entretanto, não implica necessariamente ir para países ou culturas distantes, apesar de o testemunho transcultural ser uma parte essencial do envio. No mundo globalizado de hoje, os confins da terra estão, muitas vezes, perto de nossa casa.

A missão a catolicidade da igreja

A *catolicidade* da igreja, entendida a partir da perspectiva da missão, refere-se geralmente à expansão geográfica da fé cristã por todo o mundo e à presença da igreja em todo lugar entre incontáveis culturas e subculturas. A fé cristã, assim como o fermento, não somente permeia a massa toda, mas também a transforma. A ênfase, entretanto, reside mais

TEOLOGIA DA MISSÃO

na universalidade qualitativa da fé e sua implantação encarnacional em cada cultura do que na expansão quantitativa da igreja. Essa universalidade qualitativa abrange os crentes de todos os tempos – o povo de Deus das gerações passadas, de hoje e do futuro. A catolicidade da igreja é também um lembrete de que toda a criação de Deus será finalmente unida e renovada em Cristo.

A fé cristã, não obstante toda sua universalidade, é também culturalmente vinculada. A fé é, por natureza, encarnacional, firmemente comprometida com um tempo, um lugar e uma cultura. À medida que as congregações locais se esforçam por cumprir a missão, elas precisam procurar um equilíbrio entre a localidade e a universalidade, pois a particularidade e a universalidade estão inseparavelmente ligadas entre si. Sem a comunhão universal da fé, cada igreja local é incapaz de encontrar uma autocompreensão genuína no contexto local. Para a igreja em missão, portanto, a catolicidade ou universalidade sem contextualidade leva ao imperialismo, e a contextualidade sem catolicidade leva ao provincianismo.

A missão e a igreja como comunhão e parceria ecumênica

A realidade da comunhão das igrejas está arraigada na comunhão do Deus triúno através de Cristo (1 Coríntios 1.9). A comunhão não é, portanto, uma associação ou aliança estratégica com finalidades práticas, que pode ser abandonada se provar não ser benéfica. Ela é uma realidade que reflete a identidade da igreja como igreja que compartilha do próprio ser de Deus.

O termo “comunhão”, usado eclesiologicamente, expressa três níveis de relações da igreja: primeiro, a unidade da igreja ao longo de todos os tempos e no espaço; segundo, a natureza da vida em comum na igreja local; terceiro, o relacionamento entre igrejas locais no contexto regional e global. Entender a igreja como comunhão tem implicações diretas para a compreensão e a prática da missão. Engajar-se na missão como comunhão traz uma diferença qualitativa para a missão. Já que a missão da igreja não é para sua própria glorificação, as igrejas da mesma tradição em regiões diferentes e de tradições diferentes na mesma região



© LWF Margret Stäbitz

podem unir seus esforços, ecumenicamente, num empreendimento missionário comum. A comunhão que mantém o espírito de unidade e catolicidade se expressa em humildade e comprometimento, respeito mútuo, clemência, paciência e amor. A tendência de competir por campos de missão em diferentes partes do mundo, na corrida para expandir o perfil e a esfera de influência da própria denominação ou organização, deveria ser substituída pela cooperação e pela ação conjunta. A competição e a idéia de “conquista”, assim como o proselitismo (atrair outros cristãos

Desse modo, a missão faz parte do próprio ser da igreja. Estar em missão não é algo opcional para a igreja. A missão é parte constitutiva de seu ser como a “igreja una, santa, católica e apostólica.

A visão e a prática da comunhão podem ajudar a igreja a lidar com a predominante fragmentação e divisão das comunidades e levar cura para um mundo fragmentado pela avareza e violência. Como membros uns dos outros (Romanos 12.5), os membros da igreja são chamados a edificar-se uns aos outros (1 Tessalonicenses 5.11) e a amar-se uns aos outros com amor fraternal (Romanos 12.10). Dessa forma, a igreja como comunhão pode convidar as comunidades a compartilhar a responsabilidade e a promover uma sociedade justa.

2.2.2. A missão é empoderada pela Palavra e guiada pelo Espírito

A igreja é criação da Palavra dinâmica de Deus (*creatura verbi*). Ela é mantida, inspirada e empoderada para a missão pela Palavra. A palavra de Deus sustém a vida de fé em meio às ambigüidades e tentações dos contextos sempre cambiantes da igreja. Ela também equipa o povo de Deus para toda boa obra (2 Timóteo 3.17) e assim o capacita a lidar com as necessidades de contextos específicos. A Palavra cria na igreja tanto o desejo quanto as percepções para participar do reinado de Deus que está irrompendo.

Os sacramentos como “Palavra visível” também estão inseparavelmente relacionados à missão, a seus objetivos e suas práticas. No batismo, a igreja cristã encontrou a promessa da graça incondicional, do perdão e de uma nova vida em Cristo: a vida de discipulado. A graça batismal alimenta essa vida de discipulado por toda a jornada vitalícia de “fé ativa no amor” da pessoa cristã. No batismo, os crentes são chamados para a comunhão com a Trindade na missão e, pelo mesmo chamado, são enviados e acompanhados pelo Espírito Santo ao mundo com uma mensagem de amor. O batismo é uma comissão para a missão na qual cada membro da igreja tem sua própria vocação e tarefa.

A espiritualidade da missão também pode ser encontrada na eucaristia, em que o próprio Cristo está presente com a igreja no pão e no vinho e com o pão e o vinho, dando seu corpo e sangue para o perdão dos pecados, compartilhando sua vida com o



© CAM Barbara Robyn

para nossa própria denominação), põem em risco e solapam a missão de Deus.

Compartilhar de empreendimentos missionários conjuntos/ecumênicos em diferentes partes do mundo fortalece a comunhão das igrejas. A parceria na missão expressa em compromisso mútuo e no compartilhamento de recursos missionários – sejam eles espirituais, humanos, materiais ou financeiros – elimina qualquer sentimento de superioridade, isolamento, oportunismo e suspeita. As igrejas que fazem missão juntas tendem a manter o espírito de unidade, mutualidade, aprendizado e compartilhamento recíproco e a experimentar a bênção da vida em comunhão.

TEOLOGIA DA MISSÃO

mundo. Como “sacramento de presença” que aponta para a realidade do reinado gracioso de Deus no mundo, a eucaristia fornece a base para a missão como transformação, reconciliação e empoderamento. Ela também é um sinal eficaz que traz unidade, uma unidade que transcende todas as fronteiras humanas, sejam elas raciais, lingüísticas, nacionais, de gênero ou sociais. A eucaristia traz a realidade escatológica de Deus para dentro da vida da igreja, empoderando-a para a missão e dando ao mundo um antegosto da consumação vindoura (1 Coríntios 11.26).

A missão é guiada pelo Espírito: O Espírito Santo desperta, inspira e guia os seguidores e as seguidoras de Cristo a dar testemunho de Cristo e do amor incondicional de Deus. O Espírito reaviva e renova continuamente a igreja para a missão. A renovação espiritual é um dom da visitação do Espírito Santo. A renovação da igreja poderá assumir a forma de um culto criativo e de renovação litúrgica, estrutural, missiológica e carismática, todas as quais são obra do Espírito Santo usando dons diferentes para propósitos diferentes. Embora a renovação possa ser imitada, sua autenticidade é atestada por seus frutos na missão holística.

Guiada pelo Espírito e dotada de diferentes dons, a igreja toda é carismática. “Carismática” não significa necessariamente pentecostal – os dois termos não são permutáveis. Uma igreja carismática usa todos os dons do Espírito para a missão: proclamação do evangelho, libertação de poderes do mal, oração para obter cura, construção de comunidade, serviço e defesa de direitos. A renovação carismática enfatiza o fato que a fé cristã diz respeito ao ser humano todo: emoção, razão, desejo e paixão. Isso explica o fato de que os movimentos carismáticos nas igrejas são responsáveis pelo rápido crescimento e expansão das mesmas. A missão tem a ver com experiência. É necessário para a igreja, como insistiu a 10a Assembléia da FLM, encontrar formas de “se envolver com igrejas pentecostais e movimentos carismáticos dentro de nossas próprias igrejas”. Esse envolvimento capacitaria a igreja a estudar, analisar e aprender dos fenômenos carismáticos, com suas conseqüências positivas e negativas – um aprendizado que se mostraria benéfico para a igreja servir mais fielmente na missão de Deus.

2.3. Dimensões teológicas da missão

À medida que a igreja participa da missão de Deus, empoderada pela Palavra e guiada pelo Espírito no caminho de Cristo, ela se envolve fiel e intencionalmente com os contextos desafiantes do século 21. Envolvendo-se de maneira orante com os desafios do seu contexto, a igreja, seguindo a espiral hermenêutica, precisa aprofundar continuamente sua reflexão teológica sobre os diferentes aspectos e dimensões da missão. Uma reflexão teológica contínua sobre a prática da missão e os temas missiológicos abrangentes fortalece a igreja na execução de sua missão contextual.

2.3.1. A missão como transformação, reconciliação e empoderamento

Este documento enfoca três dimensões da missão: transformação, reconciliação e empoderamento. Essas dimensões da missão se refletem na missão de Deus como criador, redentor e santificador e são acentuadas na compreensão missiológica dos três caminhos de Cristo: o caminho da encarnação, o caminho da cruz e o caminho da ressurreição. Essas dimensões da missão permeiam todos os empreendimentos da

Como “sacramento de presença” que aponta para a realidade do reinado gracioso de Deus no mundo, a eucaristia fornece a base para a missão como transformação, reconciliação e empoderamento.

missão (p. ex., a proclamação, o serviço, a defesa da justiça, o diálogo inter-religioso e o cuidado pela criação) e fornecem critérios com os quais a igreja julga sua fidelidade na missão diante de Cristo, que a enviou ao mundo.

Transformação

As Escrituras falam da transformação como um processo contínuo de total reorientação da vida com todas as suas aspirações, ideologias, estruturas e valores. A transformação é um processo contínuo de rejeição daquilo que desumaniza e profana a vida, e de adesão àquilo que reafirma a santidade da vida e a presença de dons em todos e promove a paz e a justiça na sociedade. Isso vem do conhecimento da vontade graciosa de Deus, que chama, justifica e empodera pessoas, através do Espírito Santo, para serem conformes à imagem do Filho de Deus, oferecendo-se a si próprio como instrumento de justiça (Romanos 12.2; 6.13; 8.29, 1 Pedro 1.14-25; Efésios 4.15-5.10; 2 Coríntios 3.18; Colossenses 1.10-14; Tito 3.5).

Diferentes setores da sociedade têm atuado energeticamente em prol de mudança e progresso, baseados na insaciável necessidade humana de auto-melhoria e ganho. Tal processo de mudança, mesmo que louvável e por vezes útil, não deveria ser confundido com transformação, que, a partir da perspectiva da missão da igreja, é pri-

mordialmente obra de Deus em meio à criação. A transformação, vista à luz da ressurreição de Cristo, é o desdobramento da natureza potencialmente doadora de vida de toda a criação e uma expressão da atuação da graça de Deus na natureza. Realizar transformação na e através da igreja para todo o mundo é a obra contínua do Espírito Santo. Vivendo com a expectativa no “já e ainda não” da redenção de Deus, a igreja precisa evitar uma concepção triunfalista da transformação e, em vez disso, deveria aceitá-la na fé, com suas ambigüidades e incertezas.

A missão da igreja como transformação inclui indivíduos, estruturas e relações sociais. Para o indivíduo, o apóstolo Paulo, por exemplo, enfatiza que a transformação se baseia fundamentalmente na graça salvadora de Deus, unindo o crente com a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo, a fim de que, como o Cristo ressurreto, ele ou ela possa andar “em novidade de vida” (Romanos 6.4-14). Sendo justificado pela graça, o pecador crente, apegando-se à promessa de Deus de que sua vida está oculta com Cristo em Deus (Colossenses 3.3), responde com gratidão à orientação do Espírito para andar no caminho de Cristo. A transformação como dom da justificação empodera as pessoas a denunciar a maldade e a oferecer seus membros a Deus “como instrumentos da justiça” (Romanos 6.13) e a suportar o caminho da cruz, até mesmo da morte, pela cura de outros (2 Coríntios 4.7-12). Tal transformação explica o que Paulo diz: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando [...] a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Coríntios 3.18).

O Espírito Santo também guia e empodera a igreja para uma missão de transformação direcionada para as estruturas e relações na sociedade. Seguindo Cristo no caminho da encarnação, a igreja entra profundamente nos contextos, identificando-se inteiramente com a situação das vítimas de injustiça, exploração e exclusão. Com Cristo em seu meio, ela se solidariza com as pessoas empobrecidas e desumanizadas pela globalização econômica neoliberal. Assim, torna-se a igreja dos pobres. Ao renunciar e denunciar práticas injustas e violentas nas esferas pública e doméstica como pecaminosas e destrutivas para a vida em sociedade, a igreja anda com Cristo no caminho da cruz. A missão como proclamação, serviço

A transformação é um processo contínuo de rejeição daquilo que desumaniza e profana a vida, e de adesão àquilo que reafirma a santidade da vida e a presença de dons em todos e promove a paz e a justiça na sociedade.

TEOLOGIA DA MISSÃO

ou diaconia e defesa da vida precisa ser executada sob o signo da cruz para fortalecer a solidariedade e esperança. Seguindo Cristo no caminho da ressurreição, a igreja, ao testemunhar o evangelho através de palavra, presença e ação, não deixa que a opressão política e social e a exclusão econômica tenham a última palavra. Através de sua missão como diaconia, que não é meramente um sinal da fé, mas visa intencionalmente a uma comunidade sustentável para todos, a igreja é guiada pelo Espírito para “abrir caminho onde não há caminho”.

Ao andar no caminho de Cristo em meio ao mundo fragmentado e violento, a própria igreja passa por uma transformação profunda e frequentemente dolorosa. Vista a partir do caminho de Cristo, a transformação nem sempre é experimentada como um acontecimento glorioso ou alegre. A libertação, assim como a reconciliação, por exemplo, poderá exigir a experiência dolorosa de desistir do poder e dos privilégios. Como a transformação torna necessário “nadar contra a correnteza”, ela poderá implicar sacrifícios, sofrer perseguição ou até mesmo enfrentar o martírio.

Reconciliação

A Escritura afirma claramente que um dos objetivos da missão de Deus é a reconciliação: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, [...] e nos confiou a palavra da reconciliação” (2 Coríntios 5.19). A igreja em missão participa da missão reconciliadora de Deus como embaixadora de Deus, suplicando às pessoas, em nome de Cristo, que se reconciliem com Deus. Restaurar o relacionamento entre Deus e os seres humanos é um aspecto fundamental da reconciliação. Por meio da proclamação e do testemunho através do viver cristão e da diaconia, indivíduos são levados ao arrependimento e à fé e se alegram por serem aceitos na comunhão de Deus dos “enviados”. A graça dessa reconciliação imerecida e inesperada faz com que seja possível estender a reconciliação a todas as outras relações humanas: dentro de uma família, com outros grupos, na sociedade e entre as nações. Como embaixadora da reconciliação, pacificadora, as tarefas missionárias da igreja incluem a mediação, a restauração da coexistência pacífica bem como a construção e o sustento das re-

lações. Para assumir essa responsabilidade pela reconciliação, a igreja se inspira no caminho tríplice de Cristo. Andando no caminho da cruz, a igreja toma sobre si as dores das vítimas e a arrogância dos perpetradores para dar lugar à paz e reconciliação. Convencer os perpetradores a assumir seus erros e a se comprometer com a restauração da justiça é uma tarefa muito difícil. Entretanto, o poder reconciliador de Deus se aperfeiçoa através da vulnerabilidade ou loucura da missão da igreja.



© CAM Barbara Robra

A missão de reconciliação da igreja se estende também ao âmbito internacional. Em pleno século 21, muitos países ainda estão vivendo com o legado da opressão e da injustiça dos séculos passados. Países que lutaram sob o colonialismo estão agora sofrendo sob uma economia neoliberal que induz à pobreza e é impulsionada pela globalização econômica. Tais estruturas e sistemas mortíferos não deveriam ter a última palavra num mundo onde Deus rompeu o caráter final da morte. A missão da igreja, no caminho da ressurreição, é tornar possíveis a libertação e reconciliação, tanto dos opressores quanto dos oprimidos. Libertação e reconciliação têm de andar juntas. A libertação sem a devida consideração da reconciliação final é auto-derrotismo; a reconciliação sem a libertação é irrealista e ideológica. A reconciliação e a libertação requerem a implementação da justiça restauradora nos níveis nacional e internacional, para permitir que as vítimas da opressão e injustiça recuperem sua dignidade humana. Através dessa reconciliação libertadora e libertação reconciliadora, a igreja dá início a um processo de transformação, antecipando a reconciliação final de todas as coisas no reinado escatológico de Deus.

Empoderamento

Falar de empoderamento na missão reflete as palavras de Jesus: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas [...] até aos confins da terra” (Atos

1.8). O empoderamento refere-se aqui primordialmente ao fato de Deus compartilhar seu poder (*dýnamis*) com as pessoas para a participação na missão de Deus. Deus empodera cristãos individualmente e a igreja toda através da orientação do Espírito Santo e da concessão dos dons necessários para executar a missão holística da igreja. O empoderamento divino torna efetiva nas pessoas a promessa de Jesus de que toda pessoa que nele crê irá fazer a obra que ele faz, e até uma obra maior ainda. A igreja é empoderada para testemunhar o amor incondicional de Deus em Jesus Cristo num mundo onde o ódio abunda, para falar da justificação pela graça num mundo onde todos parecem ser medidos por seu valor de mercado e para profetizar a esperança em meio a inenarrável sofrimento e desespero.

O Espírito Santo empodera a igreja para resistir ao abuso do poder como “poder sobre” outros e a andar no caminho de Cristo, onde o poder é compartilhado com todos. Na igreja, todo crente batizado é dotado de um dom especial para a missão, para a edificação e o encorajamento mútuos. Independentemente de serem homens ou mulheres, leigos ou clérigos, jovens ou velhos, todos os seus dons devem ser desenvolvidos, valorizados e utilizados. A igreja não é um divisor entre as pessoas sem poder e aquelas com poder capazes de empoderar outras. Antes, ao andar no caminho de Cristo, a igreja se beneficia do empoderamento mútuo de seus membros, um empoderamento que flui da presença do Deus triúno empoderador em seu meio.

O empoderamento de Deus se estende também para a sociedade como um todo através das atividades missionárias da igreja como um dos instrumentos de empoderamento de Deus no mundo. Através de seu serviço e ministérios diaconais, a igreja fornece ajuda para as necessidades imediatas das pessoas em situações difíceis (por exemplo, refugiados, pessoas que tiveram de deixar seu local de origem, vítimas de desastres naturais). A igreja, porém, é chamada a ir além de um ministério de “distribuição” ou caridade e a passar a uma missão do empoderamento. A igreja procura meios de assistir as pessoas necessitadas, independentemente de sua origem ou credo, para que recuperem sua dignidade humana, assumindo controle de suas próprias vidas. Para a igreja

TEOLOGIA DA MISSÃO

missional, “as pessoas necessitadas” não são apenas as que sofrem privação material, econômica e social, mas também as pessoas com necessidades espirituais e mentais, relacionais e emocionais. As pessoas que sofrem de diferentes síndromes maníaco-depressivas, como identidade confusa, baixa auto-estima, depressão e outras doenças psicossociais, exigem a atenção e a presença da igreja do mesmo modo como as marginalizadas e oprimidas em termos econômicos e sociais.

2.3.2. A missão como prática holística e contextual

A igreja em missão entende sua participação na missão de Deus como contextual, lidando fielmente com os desafios de contextos complexos e em constante mudança, e, por isso, como abrangente e holística. A missão é holística e contextual quanto a seu objetivo, sua prática e seu local. Seu objetivo abrange toda a criação (preocupação ecológica), toda a vida (social, política, econômica e cultural) e todo o ser humano (i. e., todas as pessoas e a pessoa toda – necessidades espirituais, mentais, relacionais, físicas e ambientais). Sua prática exige a participação de toda a igreja, de mulheres e homens, de jovens e velhos. Sendo holística, a missão flui do ser da igreja como comunidade cultural, mensageira, servidora, curativa e ecumênica. Como tal comunidade, a igreja

procura a justiça através da defesa de direitos, realiza a transformação através do empoderamento e trabalha pela paz e reconciliação. Dada a catolicidade da igreja, a missão acontece em todos os lugares, onde quer que a igreja esteja, em todos os tempos, para todas as gerações. Dessa forma, cada igreja é responsável pelas tarefas missionárias em sua localidade, mas também deveria estar preparada para cooperar com outras, em localidades diferentes, quando chamada a formar parcerias e a se engajar em empreendimentos missionários conjuntos em lugares onde “ninguém jamais esteve”.

Ao se engajar na prática missionária holística e contextualmente, a igreja se defronta com questões missiológicas dialeticamente interligadas que requerem esclarecimento. Em diversas ocasiões e por muito tempo, os departamentos e as sociedades

Restaurar o relacionamento entre Deus e os seres humanos é um aspecto fundamental da reconciliação.

© CAM Barbara Robra



missionárias cristãs, os institutos de missão e os cristãos individualmente se engajaram em discussões e debates teológicos sobre a relação entre práticas missionárias como a proclamação e o serviço, a justificação e a justiça, a salvação e a cura, e a missão e o diálogo inter-religioso. Encontrar clareza a respeito de tais questões irá ajudar grandemente na compreensão e na prática da missão holística por parte da igreja.

Proclamação e serviço

A missão holística da igreja abrange proclamação e serviço ou diaconia. Como eles se relacionam na prática real da missão? O evangelho é primordialmente a boa nova da justificação graciosa do pecador por parte de Deus através da fé em Jesus Cristo. Como palavra de Deus viva e criativa, o evangelho deve ser verbalizado e articulado em uma linguagem que seja compreensível para as pessoas em seu contexto e tempo. A proclamação como evangelização se concentra em assegurar que o evangelho seja proclamado a todas as pessoas pela igreja toda e que a boa nova fale a contextos específicos de maneira concreta e relevante: a evangelização leva as pessoas a um encontro pessoal com o Deus vivo, convidando-as a responder positivamente em fé ao chamado gracioso de Jesus a segui-lo. A igreja convida as pessoas através da proclamação evangelística a receber o presente do perdão dos pecados no batismo, a

se unir à comunhão da comunidade cristã e a viver uma vida de discipulado na missão.

O serviço, que é uma parte integrante da missão, é uma expressão essencial da diaconia. A carta da consulta global da FLM sobre “Diaconia profética: para a cura do mundo” (2002) (publicada em 2003) destaca o fato de que a diaconia é um componente central do próprio evangelho, sendo, portanto, central para o que significa ser igreja. A diaconia não é meramente uma opção, mas uma parte essencial do discipulado. Todos os cristãos são chamados, através do batismo, a viver a diaconia por meio do que fazem e da maneira como vivem no mundo. Ela começa como serviço incondicional ao próximo em necessidade e leva inevitavelmente à mudança e transformação social.

A diaconia se expressa de várias formas nas igrejas luteranas: trabalho internacional de assistência e para o desenvolvimento, instituições diaconais, defesa da paz, da justiça e da integridade da criação, trabalho diaconal das congregações e ministérios sociais. Ao exercer esses ministérios, a igreja fica atenta a duas questões teológicas. Primeiramente, a diaconia é mais do que mera caridade. A igreja entende a diaconia como estando profundamente ligada ao *kérygma* (proclamação) e à *koinonia* (partilha à mesa) e, por isso, como inevitavelmente profética. A diaconia vai além da reação inicial a necessidades imediatas, atacando as causas básicas da pobreza e da debilitante violência estrutural e sistêmica. Na diaconia profética, a dicotomia paternalista entre “doadores ricos” e “receptores pobres” é superada, pois tanto quem é servido quanto quem serve são transformados juntos em seu esforço comum de contestar a injustiça. Em segundo lugar, estando enraizada na teologia da cruz, a igreja é espiritualmente levada a se identificar com os sofredores e excluídos. A finalidade de seu trabalho diaconal não é fazer proselitismo (atrair outros cristãos para sua própria denominação). Especialmente em situações de emergência, a igreja não usa a vulnerabilidade das pessoas para impor suas crenças cristãs.

A igreja e os cristãos individualmente proclamam o evangelho mediante a palavra e dão testemunho dele pela maneira como vivem em cada situação em seus próprios contextos. Deve haver co-

Ao andar no caminho de Cristo, a igreja se beneficia do empoderamento mútuo de seus membros, um empoderamento que flui da presença do Deus triúno empoderador em seu meio.

TEOLOGIA DA MISSÃO

erência entre o viver e o falar, entre palavra e ação. A proclamação e o testemunho através da diaconia são inseparáveis como participação na missão transformadora, reconciliadora e empoderadora de Deus no mundo. A palavra sem ação pode ser abstrata e sem poder, e a ação sem palavra pode ser muda e dar margem a qualquer interpretação.

É claro que poderá haver épocas e lugares no mundo em que a proclamação oral do evangelho não seja possível e a única forma de testemunhar seja um serviço sem palavras, enraizado na oração. Esse serviço sem palavras poderá ter vários aspectos, tais como a assistência humanitária, o trabalho diaconal e a defesa da transformação social e política.

Justificação e justiça

A justificação do pecador pela graça de Deus transcende todos os conceitos e sistemas humanos de justiça baseados na lei dos méritos, na retribuição, distribuição, reparação e retaliação. A justificação pela graça não se concentra naquilo que o pecador fez ou promete fazer, mas, sim, naquilo que Deus oferece. O que Deus oferece é um convite, assinado com o sangue de Cristo, para viver uma vida em comunhão com Deus. É o convite gracioso de Deus que justifica a existência da humanidade nesta vida, e é também o convite imerecido de Deus que justifica a pertença dos fiéis à casa de Deus, isto é, à comunhão divina.

A justificação pela graça, portanto, é libertadora e criativa. Ela liberta os seres humanos da preocupação constante com sua autojustificação, seu valor próprio e sua realização e cria novos inícios e possibilidades para uma vida em abundância. A justiça libertadora e criativa de Deus também está atuante nos atos poderosos de Deus na história, quando os aflitos recebem encorajamento, os cativos são soltos e os oprimidos são libertos. Essa libertação dá início ao renascimento da vida em comunidade onde a solidariedade, a reconciliação e a justiça possam florescer (Isaías 61).

O engajamento da igreja na defesa da justiça e no trabalho pelo estabelecimento da justiça flui da justiça criativa e libertadora de Deus que está atuante

em Sua missão, da qual a igreja missional participa. À medida que a graça de Deus cria o espaço para que a justiça libertadora se desenvolva, a igreja é chamada a discernir a maneira pela qual a justiça irá tomar forma na sociedade. A igreja precisa refletir em oração sobre o tipo de justiça que irá tra-



© CAM Barbara Robbra

zer transformação, reconciliação e empoderamento para e na sociedade. A justificação pela graça não deixa incontestada a injustiça ou qualquer instrumento do pecado e da maldade. A fé no Deus que justifica por graça inspira e anima a igreja a que pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus (Miquéias 6.8).

Salvação e cura

A missão de Deus no mundo inclui a experiência de cura no contexto da vida comunitária, assim como a realidade espiritual da salvação através da presença redentora de Cristo na vida da comunidade cristã, tanto coletiva quanto individualmente. A salvação como promessa escatológica de que um dia Deus será tudo em todos permanece em constante tensão com a realidade cruel da vida e seu anseio de cura. A cura abrange questões pertinentes à saúde e à doença, ao tratamento e à cura em termos médicos, psiquiátricos, emocionais e espirituais. Para os cristãos de todas as denominações, a cura é um tema teológico básico, pois ela desempenha um papel significativo na vida espiritual. A existência de doenças e o fato de que nem toda pessoa doente entre os cristãos recebe cura levantam perguntas acerca da relação da cura com a salvação em Jesus Cristo.

De acordo com as Escrituras, Deus é a fonte de toda cura. No Antigo Testamento, a cura e a salvação estão interli-

gadas e, em muitos casos, significam a mesma coisa: "Cura-me, Senhor, e serei curado, salva-me, e serei salvo" (Jeremias 17.14). O Novo Testamento, entretanto, não iguala ser curado de uma enfermidade e ser salvo. O Novo Testamento também faz distinção entre cura e a restauração. Algumas pessoas podem ser curadas, mas não restauradas (Lucas 17.15-19), enquanto outras não são curadas, mas são restauradas (2 Coríntios 12.7-9). A "cura" denota a restauração da saúde perdida e implica, por conseguinte, uma concepção protológica. A restauração refere-se à realidade escatológica da vida abundante que irrompe através do evento Jesus Cristo, o ferido que cura, que participa de todos os aspectos do sofrimento, da morte e da vida humanas e vence a violação, o sofrimento e a morte através de sua ressurreição. Nesse sentido, a cura e a salvação apontam para a mesma realidade escatológica.

Missão e diálogo inter-religioso

Em graus diferentes, as igrejas têm se engajado no diálogo com pessoas de religiões e convicções diferentes. A relevância e os objetivos de tal diálogo em relação à missão da igreja têm sido um tema muito discutido no discurso teológico. Foram levantadas perguntas sobre se o diálogo deveria substituir as iniciativas missionárias, ou servir como um passo preliminar para a missão, ou ser parte integrante da missão abrangente da igreja.

O diálogo inter-religioso, assim como a busca da paz e da cooperação na sociedade, do entendimento mútuo e da verdade, é parte integrante da missão da igreja. Como a igreja é chamada e enviada para levar transformação, cura e reconciliação à sociedade, o trabalho com diferentes grupos de pessoas para alcançar a paz e cooperar para o estabelecimento da justiça diz respeito à sua missão. O diálogo inter-religioso, por exemplo, é um instrumento eficaz para acalmar tensões religiosas e identificar maneiras para que a comunidade multi-religiosa enfrente os problemas de pobreza, discriminação, violência e desenvolvimento em geral.

O serviço, que é uma parte integrante da missão, é uma expressão essencial da diaconia.

TEOLOGIA DA MISSÃO

© IWF Margret Stasius



Inversamente, o cristianismo, assim como o islamismo e outras religiões, é uma religião missionária. Compartilhar a fé cristã com outras pessoas é fundamental para a identidade do cristianismo. Jesus abençoou e ordenou a seus discípulos fazerem discípulos de todas as nações (Mateus 28.18-20). Cristo oferece salvação e cura para toda a humanidade somente pela fé, sem méritos humanos. Essa unicidade de Cristo é fundamental para a missão da igreja. Como afirmou a 10ª Assembléia da FLM em sua mensagem: “A missão de Deus é mais ampla do que as fronteiras da igreja”. Entretanto, citando a Conferência de Missão e Evangelização do Conselho Mundial de Igrejas realizada em San Antonio, em 1989, ela acrescentou: “Não podemos apontar para nenhum outro caminho para a salvação a não ser Jesus Cristo; ao mesmo tempo, não podemos fixar limites para o poder salvador de Deus. Chegar a uma compreensão positiva da natureza das religiões missionárias e de como ir ao encontro de sua necessidade de se propagar pode ser um tema central nos diálogos inter-religiosos. Entretanto, o diálogo inter-religioso não deveria visar converter ou conquistar os parceiros de diálogo.”

Além disso, os teólogos têm focado a Trindade como um modelo teológico para o diálogo inter-religioso. Um modelo trinitário não só dá espaço

e leva em consideração a existência do outro, mas também fornece a base teológica e modelos para a prática da “busca comum da verdade” no diálogo inter-religioso. Para a igreja, a abordagem trinitária pode proporcionar a possibilidade de ressaltar a unicidade de Cristo, mas, ao mesmo tempo, confessar a influência do Espírito Santo fora da igreja e o agir de Deus na criação e nas outras religiões.

Focar a relação interna e a interdependência da vida triúna de Deus fornece uma base para um diálogo pela vida compartilhada em comunidade, assim como pelo compartilhar em conjunto de uma jornada espiritual da alma como adeptos de religiões. O modelo trinitário também revela um aspecto transformacional do diálogo inter-religioso. Assim como o Filho se aventurou no desconhecido confiando no Pai e contando com a companhia do Espírito, a igreja também se aventura a entrar

em diálogo com pessoas de religiões diferentes, apegando-se à visão escatológica de que no final Deus será tudo em todos. Confiar no futuro de Deus empodera a igreja para se engajar num viver encarnacional e transformacional com pessoas de religiões diferentes como companheiros achegados no caminho de Emaús. Isso não diminui o testemunho das pessoas cristãs de que encontraram vida em abundância em Jesus Cristo. Apenas quando os cristãos estiverem dispostos a ouvir, com a mente e com o coração abertos, o que é o mais importante para as pessoas de fé, seu próprio testemunho poderá ser ouvido em sua integridade.

2.4. Teologia, contexto e prática

A missão como acompanhamento precisa de uma teologia que reflita o contexto da igreja e seja desenvolvida nesse contexto. Tal teologia contextual da missão também tem de refletir sobre a prática da igreja. A teologia da missão, usando a espiral hermenêutica, já se refere à prática da missão e recorre a ela.

O objetivo da seção 3 deste documento é examinar a prática da missão como uma indicação de como a igreja em missão vive seu chamado para participar da missão de Deus. A missão decorre de seu ser como igreja testemunhante, missional. O propósito da seção 3, portanto, não é fornecer uma receita para práticas de missão em todas as situações, nem enumerar as várias tarefas da missão que a igreja precisa realizar. Ela indica, antes, direções gerais e impulsos de práticas da missão que, assim se espera, dêem início a discussões criativas e inspirem programas e projetos inventivos entre as igrejas e as agências associadas a elas.





O diálogo inter-religioso, por exemplo, é um instrumento eficaz para acalmar tensões religiosas e identificar maneiras para que a comunidade multi-religiosa enfrente os problemas de pobreza, discriminação, violência e desenvolvimento em geral.

SEÇÃO 3

PRÁTICA DA MISSÃO

Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: “Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina”. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: “Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?” E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles, os quais diziam: “O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!” Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão. (Lucas 24.28-35)





PRÁTICA DA MISSÃO

3.1. A igreja toda em missão

A igreja entende a missão como uma expressão fiel de sua vocação, a saber, apontar para e participar do reinado de Deus que irrompe em Cristo Jesus. A missão da igreja, em suas diferentes formas e aspectos, visa à transformação, à reconciliação e ao empoderamento no e do mundo. A missão é um presente de Deus para toda pessoa batizada, assim como para a igreja toda: desde a congregação, passando pela igreja nacional, até a comunhão de igrejas em nível mundial. A igreja toda (i. e., cada membro) participa da missão, pois a missão não é a prerrogativa de uns poucos profissionais ou umas poucas congregações e igrejas ricas. A missão por procuração é um conceito estranho na missão de Deus; isso quer dizer que a igreja não pode terceirizar seu papel missionário, da mesma forma que não pode terceirizar seu culto e sua vida sacramental. A missão também é a vocação de toda a igreja, não apenas de indivíduos, e, por isso, é responsabilidade de toda a casa de Deus, da comunhão das pessoas enviadas.

Engajar-se na missão a partir da perspectiva da comunhão das pessoas enviadas (e também das santas) leva a igreja à *martyria* fiel, na medida em que ela se encontra unida em todos os lugares e em todos os tempos no testemunho em comum. À medida que a igreja praticar a missão como comunhão, e não apenas como congregações ou igrejas individuais isoladas, a solidariedade e a parceria na missão irão se desenvolver, e a competição e o desperdício das duplicações irão cessar. As igrejas luteranas, por exemplo, quando participarem da missão de Deus como uma comunhão das igrejas luteranas, colherão as bênçãos dos recursos missionários compartilhados. O próprio empreendimento missionário se beneficiará da rica experiência juntada de todas as partes do mundo e de diferentes gerações de cristãos.

PRÁTICA DA MISSÃO

Uma vez que a missão tem de ser contextual para que a fé se enraíze na experiência real de vida das pessoas, cada igreja assume responsabilidade primordial pela missão em sua localidade e região imediata. Entretanto, devido à apostolicidade e catolicidade da igreja, a proximidade não significa propriedade exclusiva da prática da missão. A missão continua sendo missão de Deus; assim, cristãos individualmente ou famílias de diferentes partes do mundo podem receber um chamado de Deus, através de uma igreja irmã, para compartilhar a responsabilidade missionária com outra igreja numa localidade geográfica ou situação sociocultural diferente. A partir dessa perspectiva, o papel, bem como a formação, para ministérios especializados para parcerias internacionais na missão são muito importantes. Deve-se tomar cuidado, entretanto, para que chamar testemunhas transculturais como missionários, cooperadores ou conselheiros não venha a dividir a comunhão em igrejas “que enviam” e igrejas “que recebem”.

Dada a crescente complexidade dos atuais contextos da missão, a parceria na missão é mais crucial do que jamais o foi. Estão sendo experimentados novos modelos de parceria que promovam a participação igual e a partilha da responsabilidade. As igrejas do hemisfério norte e do sul estão agora falando de *acompanhamento* na missão. Como a palavra “acompanhamento” vem de “companheiro”, que significa “partilhar o pão (panem) juntos”, igrejas companheiras na missão partilham todos os seus recursos entre si. Como na história de Emaús, os companheiros partilham a caminhada junto com todas as preocupações, dores, esperanças e alegrias que cada um traz. O Cristo ressurreto, que se junta à caminhada, torna a companhia empoderadora e transformadora para a igreja e para o mundo.

Em algumas igrejas, por razões estruturais e históricas, a missão ainda é executada através de agências independentes, ligadas às igrejas. Essa prática necessita de uma reflexão teológica mais profunda à luz da compreensão eclesiológica da igreja como igreja missional. Para evitar que se obscureçam os papéis e as responsabilidades da própria igreja na missão de Deus, algumas agências missionárias tomaram a iniciativa de desafiar a igreja a refletir sobre a natureza da igreja como igreja missional. Integrar a missão nas estruturas da igreja, local e globalmente, assim como juntar numa só estrutura o testemunho através da palavra e da ação, seria parte dessa discussão.

3.2. A igreja missional em ação

Para a igreja missional, a missão não é apenas o que a igreja faz (atividades missionárias), mas também a igreja atuante. Empoderada pela Palavra e guiada pelo Espírito, a igreja sabe que a missão flui de sua natureza como comunidade testemunhante. O ministério da igreja em suas várias formas exerce papel central na tarefa de equipar a igreja para a missão como uma comunidade cultural, mensageira, servidora, curativa e ecumênica.

Empoderada pela Palavra e guiada pelo Espírito, a igreja sabe que a missão flui de sua natureza como comunidade testemunhante.

3.2.1. Uma comunidade que testemunha

A igreja, como comunidade de testemunhas, aponta para a irrupção do reinado de Deus em Cristo no mundo, usando todos os dons espirituais (*charismata*) que o Espírito Santo generosamente lhe concedeu. De acordo com 1 Coríntios 12, os dons espirituais são concedidos à igreja para o fortalecimento da comunhão (*Koinonia*), para a proclamação do evangelho (*kérygma*) e para o serviço e a cura (*diakonia*). Como uma comunidade que testemunha, a igreja não pode participar fielmente da missão de Deus sem esses dons, para que a missão não se torne um mero empreendimento humano. Uma igreja em missão é uma igreja que tem dons (*carismática*) para uma missão transformadora, reconciliadora e empoderadora.

Uma comunidade que presta culto

Como uma comunidade que presta culto, a igreja aponta para a realidade e presença do reinado gracioso de Deus em Cristo, que congrega e sustenta, através da Palavra e dos sacramentos, uma comunidade fiel de pecadores perdoados. Uma comunidade que ora, que confessa e celebra é, em si mesma, um sinal do reinado de Deus em irrupção. A comunidade que presta culto também aponta para o futuro com Deus, uma realidade escatológica que está vindo para o presente. Assim, a igreja ora e espera que a nova realidade de Deus irrompa em seu culto. Por causa do que é e do que espera, a igreja é empoderada através do culto para

Como uma comunidade que presta culto, a igreja aponta para a realidade e presença do reinado gracioso de Deus em Cristo, que congrega e sustenta, através da Palavra e dos sacramentos, uma comunidade fiel de pecadores perdoados.

a missão transformadora e reconciliadora no mundo. São, portanto, cruciais o planejamento e a preparação sérios para os cultos em vista da missão da igreja, tendo em mente a importância espiritual da hospitalidade acolhedora.

Uma comunidade que capacita

Como uma comunidade que capacita, a igreja se vê como uma comunidade discente e que aprende em comunidade. A capacitação ou “discipulação” do povo de Deus para a missão é uma importante dimensão da missão da igreja. Equipar a igreja toda para a missão (Efésios 4.11-12) inclui

a educação cristã e a formação teológica. A educação cristã fornece acompanhamento para uma jornada de fé por toda a vida. Algumas igrejas entendem a educação cristã missiologicamente como “ir mais fundo para ir mais longe” e como “ensinar para atingir [pessoas]”. A formação teológica é fundamental para garantir a continuidade de ministérios holísticos e proféticos que fortaleçam a missão de reconciliação e empoderamento por parte da igreja. O recente despertar missiológico entre os seminários teológicos e nas escolas bíblicas causou uma mudança no currículo – a missão não é mais considerada como um curso opcional, mas como parte integrante de todos os cursos centrais. Essa mudança de forma alguma enfraquece o papel dos departamentos ou institutos de missão nas universidades e seminários. Ela procura, pelo contrário, aumentar a importância deles por serem centrais para o ministério capacitador da igreja.

Para a comunidade que presta culto e capacita, a oração está no centro de tudo que ela faz. A oração é o meio através do qual a igreja põe sua confiança no Deus “que chama, envia e acompanha”, uma confiança que é constantemente renovada e fortalecida por um senso cada vez mais profundo de espiritualidade da missão. A oração, entretanto, é também o meio através do qual Deus leva transformação, reconciliação, empoderamento e cura para o mundo (Mateus 21.22; João 14.12-14; 15.16). Uma igreja em missão, habitada e guiada pelo Espírito Santo, é uma comunidade orante.

Uma comunidade mensageira

A igreja em missão é uma comunidade mensageira. Ela tem uma mensagem poderosa e empoderadora para transmitir. A mensagem está centrada na reconciliação e salvação de Deus em Jesus Cristo e, por isso, também aponta para o ato gracioso de Deus de transformar a pessoa toda e todas as pessoas em todos os lugares e épocas. A igreja em missão é apostólica, não apenas porque ela transmite a mensagem que lhe foi confiada, mas também porque ela é fiel à integridade da mensagem. Ao mesmo tempo em que a mensagem anuncia a irrupção do reinado de Deus, ela também denuncia profeticamente estruturas

PRÁTICA DA MISSÃO

opressivas, hierárquicas e patriarcais e sistemas violentos e destrutivos bem como relações inter-pessoais pecaminosas. Anunciar a mensagem profeticamente obriga a comunidade mensageira a analisar e definir seu contexto de maneira sempre nova.

A comunidade mensageira entende que a mensagem da irrupção do reinado gracioso de Deus em Cristo pode ser comunicada de diferentes formas: na proclamação verbal, na vivência da vocação para ser um bom próximo e através dos serviços diaconais e da defesa da justiça e da paz. No passado, muitas igrejas tinham uma definição bastante restrita de missão como sendo basicamente evangelização, um encontro entre a incredulidade e a fé. Embora a proclamação como evangelização esteja no âmago da missão, ela não é o todo da missão. Desde a década de 1970, as igrejas, especialmente do hemisfério sul, têm entendido a missão num sentido mais holístico e abrangente. A comunidade mensageira dá testemunho da boa nova em palavra e ação, fazendo com que a vida prometida pelo evangelho se concretize na experiência das pessoas em seus próprios contextos, proporcionando oportunidades para a comunidade mais ampla compartilhar do convite gracioso de Deus para a “festa de casamento” (Mateus 22.1-12).

A comunidade mensageira conhece diferentes maneiras de convidar as pessoas a fazerem parte da irrupção do reinado de Deus. As igrejas até agora têm empreendido “campanhas” evangelísticas em estádios, tendas, esquinas, ou indo de aldeia em aldeia e de porta em porta. Houve progresso no uso de tecnologias modernas, como rádio, áudio e videocassetes e a televisão. Hoje em dia, muitas igrejas estão explorando o uso eficaz da internet ou do telefone para compartilhar a mensagem de Deus. Essas ferramentas de comunicação, apesar de talvez serem eficientes para alcançar grandes públicos secularizados, são bastante impessoais. Congregações “virtuais” são criadas através da internet, mas as pessoas continuam ansiando por uma comunidade de fé real. A igreja, portanto, é desafiada a reconsiderar as formas e os meios tradicionais de comunicação.

Uma forma que continua sendo eficaz é a abordagem pessoal, individual, face a face, transgeracional e transcultural para compartilhar a boa nova. Essa abordagem é aberta, flexível e acessível para to-



© IWF Margret Stasius

dos os mensageiros. Ela pode ser praticada em todo lugar – em casa, nos lugares de trabalho ou estudo, em viagem. Quando olha para seu contexto como comunidade mensageira, entretanto, a igreja observa que cristãos em alguns países ricos e secularizados estão hesitantes ou até mesmo relutam em compartilhar sua fé abertamente com outras pessoas. A igreja precisa empreender um estudo profundo de seu contexto, sua teologia e seu ministério para encontrar as causas da incapacidade dos cristãos em viver plenamente como mensageiros.

Em algumas partes do mundo, onde se praticou o compartilhar “um a um” da missão holística, geralmente através do “movimento de igrejas domésticas” e do movimento de renovação carismática, o número de membros da igreja cresceu tremendamente. Na África, por exemplo, a igreja luterana cresce a uma média de 300 mil membros a cada ano. A igreja enfrenta a grande necessidade de proporcionar assistência pastoral, capacitação e capacidade estrutural

adequadas. Entretanto, a comunidade mensageira, através desses movimentos, encontrou uma forma eficaz de ser a igreja em comunidade sete dias por semana.

Uma comunidade que serve

A igreja em missão é uma comunidade que serve comprometida com a diaconia à imagem de seu Senhor, “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28). Através da diaconia, a igreja como comunidade servidora expressa concretamente, no dia-a-dia das pessoas, o reinado de Deus que irrompe em Cristo. Por um lado, as igrejas têm se engajado no trabalho diaconal, como em escolas, hospitais, orfanatos e clínicas de repouso. Apesar dos benefícios que a sociedade em geral tem auferido de tais serviços, eles têm sido criticados por algumas

pessoas como “evangelísticos”, isto é, feitos com o objetivo de atrair pessoas com o único propósito de “ganhar almas”. A igreja, através de seus serviços, dá testemunho da realidade do reinado de Deus que irrompe em Cristo, não

importando se o serviço é dirigido para a comunidade em geral ou para o cuidado da própria igreja. Entretanto, ela se dá conta de que esse serviço poderá se tornar paternalista ou proselitista, devendo ser objeto de reflexão e discernimento contínuos.

Por outro lado, a comunidade que serve é também conhecida por seu engajamento na

diaconia em serviços sociais que visam primordialmente prestar assistência às pessoas e comunidades necessitadas e realizar processos transformadores nas estruturas e na vida dessas comunidades. O objetivo principal é compartilhar com todas as pessoas, de formas concretas, a vida abundante que o evangelho promete, sem necessariamente “vocalizá-lo” ou “verbalizá-lo” de alguma maneira. Tais serviços não são mera caridade. Eles visam transformar comunidades e sociedades, defendendo a justiça e exigindo comunidades sustentáveis alternativas; por isso, devem se orientar por resultados e ter consciência do impacto que causam. Esse serviço diaconal incondicional e não-discriminatório geralmente toma forma através dos projetos de desenvolvimentos da igreja: socorro em emergências, ajuda humanitária, trabalho de reabilitação depois de catástrofes, projetos de desenvolvimento comunitário e diversas atividades de assistência.

O conceito de desenvolvimento é considerado por seus detratores incompatível com a missão da igreja, já que denotaria uma teoria econômica e política ocidental baseada numa compreensão específica das relações sociais e usaria concepções modernistas. A compreensão do significado e do objetivo do desenvolvimento, entretanto, mudou drasticamente. O desenvolvimento foi reenforcado para visar à emancipação do indivíduo e à transformação e libertação da sociedade, incluindo o bem-estar social, cultural e espiritual das pessoas. Ele não está mais focado exclusivamente na riqueza econômica e material. Nessa compreensão, o trabalho pelo desenvolvimento, como parte do processo de transformação e empoderamento, é uma parte integrante da missão da igreja. Em muitas partes do mundo, no nível da base, a igreja como comunidade servidora é reconhecida como um agente eficaz de empoderamento e transformação sociais profundos.

Uma comunidade terapêutica

A igreja em missão é uma comunidade que cura. Desde o início, a igreja entendeu sua vocação e seu envio para ser uma comunidade curativa como parte integrante de seu serviço em comunidade (Mateus 10.1,8; Marcos 16.15-18), seguindo o caminho

Uma forma que continua sendo eficaz é a abordagem pessoal, individual, face a face, transgeracional e transcultural para compartilhar a boa nova.

PRÁTICA DA MISSÃO



© IZAF

de seu Senhor (Atos 4.30). A igreja também se entende como uma comunidade que está em processo de cura. A cura se dá nos níveis social e pessoal. Vários dons espirituais foram dados à igreja em missão para a cura das pessoas. As pessoas são cuidadas e recebem tratamento em instituições médicas da igreja para enfermidades físicas, mentais e até relacionais. Hospitais, clínicas e ajuda médica de emergência são meios pelos quais a igreja tem mostrado a missão de amor e empoderamento. Uma das tarefas desafiadoras da igreja na atualidade é lidar com a complexa questão da AIDS/HIV. Enfrentando o desafio da pandemia junto com outras igrejas, igrejas luteranas do hemisfério norte e sul se engajaram ativamente na campanha da FLM contra a AIDS/HIV (cf. *Plano de ação da FLM: conversão, compaixão e cuidado, 2002*).

A igreja também dá continuidade à prática apostólica da cura através da oração e da imposição de mãos. Através desse ministério, ora-se pedindo cura e restauração, bem-estar e integralidade, mas a ênfa-

se está na integralidade. Assim, a pessoa toda, junto com seus relacionamentos, é tratada, assistida e transformada.

A igreja também se preocupa com os problemas e as doenças da sociedade. Como comunidade capacitadora, mensageira e servidora, a igreja trabalha para curar as profundas feridas e os contínuos sofrimentos causados pela cobiça de poder e materiais, pelo preconceito e pela violência no mundo. No início do século 21, muitos países ainda trazem as marcas, a vergonha e o ressentimento do colonialismo, de conflito ideológico, racismo e genocídio. Atrocidades foram cometidas e sofridas, humilhação



All photos © LWF

PRÁTICA DA MISSÃO

foi imposta e suportada, recursos (materiais e humanos) foram saqueados e perdidos. As pessoas – incluindo as ex-vítimas e os ex-vitimadores – que compartilham a mesma comunidade restauradora, desejam ser livradas dessas lembranças dolorosas. Um dos principais desafios para a missão da igreja nesta década deveria ser o de curar as lembranças, remover a culpa e a vergonha internalizadas do passado, e encontrar caminhos que aproximem países, pessoas e igrejas.

3.2.2. Uma comunidade ecumênica

A igreja em missão é uma comunidade da *oikumene*. Ao participar da missão de Deus, a igreja cuida do mundo como sua *oikos*, sua casa ou lar. Apesar de não ser deste mundo, a igreja em missão se caracteriza por estar *em* e *com* o mundo (João 17.15-18), essa é, pois, uma característica da igreja em missão. Esse engajamento missionário da igreja cobre três aspectos da *oikos*: o ecumênico, o econômico e o ecológico. Uma compreensão e utilização mais amplas da casa ecumênica também se acrescem como engajamento dialógico: um diálogo frutífero com todas as pessoas que chamam a terra de seu lar.

Compromisso ecumênico

Qualquer igreja comprometida com a missão holística nos contextos globalizados da atualidade logo percebe que a missão abrange “todo o mundo habita-

do” – e não apenas algumas áreas selecionadas – e é executada da melhor maneira ecumenicamente, por toda a família de Deus, indo além das demarcações denominacionais. A incapacidade das igrejas de alcançar a unidade na diversidade ou de se engajar em empreendimentos missionários conjuntos tem enfraquecido a credibilidade da igreja em missão. Da mesma forma, os muitos conflitos e dissensões entre as igrejas e entre organizações ligadas às igrejas têm afetado negativamente a vida e o testemunho da igreja. Energia, tempo e recursos são gastos na tentativa de mediar e reconciliar as facções dissidentes, em vez de se concentrarem no bem-estar do mundo.

Uma igreja missional como comunidade ecumênica dá prioridade a levar a paz, a justiça, a saúde e a vida abundante para a *oikos*. Inspirada pelo Espírito de reconciliação, ela enfrenta a crescente instabilidade e violência social e política em diferentes lugares do mundo. Tanto em nível nacional como internacional, as igrejas têm corajosamente oferecido mediação entre partes envolvidas em conflito e guerra. Em muitas ocasiões, elas chamaram até mesmo as forças mais beligerantes para a mesa de negociação para alcançar acordos pacíficos entre facções. Por isso, em prol da cura do mundo, é impositivo que o entendimento, a solidariedade, a paciência e o amor sejam estabelecidos entre as igrejas. Ao mesmo tempo em que a unidade da igreja é um dos objetivos da missão, os diálogos ecumênicos entre denominações cristãs precisam ter a missão como centro.

PRÁTICA DA MISSÃO

Compromisso dialógico

A igreja como comunidade da *oikumene* leva em grande consideração os adeptos de outras religiões e convicções que também chamam este mundo de sua casa. O engajamento sustentado da igreja na transformação, na reconciliação e no empoderamento também se expressa em suas diferentes abordagens inter-relacionadas no diálogo inter-religioso com pessoas que vivem em contextos multirreligiosos.

Na Malásia, por exemplo, cristãos e muçulmanos estão engajados num “diálogo da vida”. Na vida diária da comunidade, as pessoas se aceitam como pessoas de fé, vivem juntas e interagem em paz. Em 2002 e 2004, a FLM organizou uma “Cúpula da Paz” para a África, que juntou todos os líderes religiosos. A Cúpula estabeleceu um Plano de Ação que tinha como objetivo trabalhar conjuntamente pela paz em todo o continente.

Na Índia, existe uma iniciativa de procurar aspectos comuns que reúnam pessoas de diferentes tradições religiosas para uma *dia-praxis*: ação conjunta em solidariedade que se comprometa com a promoção da justiça, uma melhor qualidade de vida e a mitigação do sofrimento humano.

Em outros lugares, como na Nigéria e em cidades multiculturais do hemisfério norte, cristãos e muçulmanos se engajam no diálogo buscando o entendimento. Compreender a crença religiosa do outro lado ajuda a construir respeito e confiança mútua, que facilitam a cooperação pela paz e o desenvolvimento na sociedade. Igualmente importante é a “abordagem espiritual” no diálogo inter-religioso, praticada na Índia, que enfatiza a oração e a meditação. Essas abordagens ressaltam um modo de vida que respeita a imagem de Deus em todas as pessoas. A vida é o meio do diálogo.

Outra abordagem consiste no diálogo inter-religioso acadêmico. Em grande parte, ele envolve pesquisadores/as e líderes religiosos/as. Nesse nível, os/as parceiros/as no diálogo precisam estar abertos/as, com toda objetividade e honestidade, para a reivindicação de verdade apresentada pelo/a outro/a, e com a clara possibilidade de mudar de lado se o que é apresentado abalar os fundamentos de sua fé. Para a igreja, essa busca comum da verdade é um em-

prendimento confiante rumo ao desconhecido, seguindo o modelo trinitário de diálogo (cf. a publicação da FLM intitulada *Dialogue and Beyond* [Diálogo e mais além], de março de 2003).

Além disso, a igreja é constantemente chamada para dialogar com diferentes organizações não-governamentais (ONGs) e sociedades civis sobre importantes questões que contribuam para o bem-estar das pessoas e das relações na sociedade. A transformação, a reconciliação e o empoderamento podem acontecer e acontecem efetivamente na sociedade através do encontro e do diálogo da igreja com grupos engajados em preocupações sociais, econômicas e ecológicas.

Um dos principais desafios para a missão da igreja nesta década deveria ser o de curar as lembranças, remover a culpa e a vergonha internalizadas do passado, e encontrar caminhos que aproximem países, pessoas e igrejas.

Compromisso econômico

Os cristãos vivem sua vocação batismal em vários âmbitos da vida diária, incluindo a vida econômica. Nela, as pessoas procuram buscar o sustento de suas próprias famílias e também da comunidade mais ampla. Um problema é que modelos de injustiça, especialmente os surgidos sob a globalização econômica, tornam isso cada vez mais difícil para muita gente. Por isso, é importante que a igreja como comunidade da *oikumene* levante sua voz profética contra estruturas e sistemas injustos e opressores, ao mesmo tempo em que também encoraje seus membros que

possuem acesso a essas estruturas a mudar as políticas e práticas a partir de dentro.

As igrejas desenvolveram estratégias conjuntas, em níveis local, regional e global, para defender o estabelecimento de justiça e paz e para erradicar a pobreza e as doenças letais. A comunidade da *oikumene* está engajada na missão num mundo que pode se auto-destruir muitas vezes e parece incapaz ou não-disposto a erradicar a pobreza e a fome para todas as pessoas. Por isso, a igreja ora pelo empoderamento e pela orientação de Deus. Ela também procura meios de empoderar as vítimas da injustiça e se engaja pró-ativamente na transformação dos efeitos adversos da globalização econômica neoliberal.

Um exemplo de ação conjunta é a conclamação para uma “globalização da solidariedade”. Ela visa incentivar e promover estratégias comuns para o cancelamento da dívida dos países pobres, proteger economias vulneráveis das poderosas corporações internacionais e apoiar acordos comerciais alternativos.

Central para essas e outras estratégias é a promoção de uma “espiritualidade de resistência” como acompanhamento da solidariedade global. As igrejas podem lançar mão de sua herança espiritual para enfrentar o que está ocorrendo sob as práticas e políticas prevalentes e para

equipar os membros, através da vida congregacional, para resistir às suposições operacionais e para trabalhar a fim de transformar as políticas atuantes sob a globalização econômica, em parcerias ecumênicas, inter-religiosas e da sociedade civil. A história do caminho de Emaús fornece um paradigma poderoso para a jornada das igrejas à medida que elas se defrontam com esses desafios (cf. a publicação da FLM intitulada *A Call to Participate in Transforming Economic Globalization* [Uma conclamação a participar da transformação da globalização econômica], de 2002, e o livro *Communion, Responsibility, Accountability* [Comunhão, responsabilidade, prestação de contas], de 2004).

Compromisso ecológico

A comunidade da *oikumene* acredita firmemente na bondade da criação de Deus. Ela é, em primeiro lugar e antes de mais nada, criação de Deus, que é então recebida com gratidão como *oikos* (lar) para todas as pessoas. O primeiro passo no engajamento missionário ecológico da igreja é a confissão e o arrependimento. Durante séculos, a perspectiva da igreja voltada para o mundo além e sua ênfase no domínio ou dominação humana sobre a criação abriram caminho para a exploração e a destruição da natureza. A terra, *oikos*, está agonizante.

A igreja como comunidade terapêutica, em todo lugar, precisa olhar o todo da criação à luz do evangelho e procurar caminhos para restaurar a saúde deste planeta. O mundo não é primordialmente um ambiente humano, nem simplesmente o palco para o drama da salvação humana. Ele é, antes, por conta própria, um participante ativo da missão de Deus. Na visão do apóstolo Paulo, “a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8.21). A igreja como comunidade da *oikumene*, com suas redes mundiais, deveria promover e priorizar sua participação no processo de reabilitação da terra e prevenir mais destruição ecológica causada pelo uso de combustíveis fósseis, a poluição causada pelo lixo tóxico e o extermínio de espécies, por exemplo. Há uma necessidade urgente de que a igreja, juntamente com as sociedades civis e os grupos de voluntários

A transformação, a reconciliação e o empoderamento podem acontecer e acontecem efetivamente na sociedade através do encontro e do diálogo da igreja com grupos engajados em preocupações sociais, econômicas e ecológicas.

PRÁTICA DA MISSÃO

preocupados com a integridade da terra, levante sua voz profética para nomear e denunciar ações destrutivas contra a *oikos*. Projetos locais de reabilitação ecológica deveriam ser encorajados e apoiados financeiramente por todos os parceiros. O compromisso ecológico é um chamado missionário urgente para todos.

3.3. Novos desafios e oportunidades para a missão

A seção sobre o *contexto da missão* descreve em termos vívidos os desafios e as oportunidades que os contextos cambiantes da missão apresentam. À medida que o ritmo da globalização aumenta rapidamente com a ajuda da alta tecnologia, a mentalidade de mercado e o consumismo que a acompanham já infectaram todas as esferas da vida. É trágico que as mesmas coisas que promovem a globalização (p. ex., riqueza, tecnologia e habilidades da informação) sejam precisamente aquelas que dividem o mundo excluindo a maioria. Além disso, é irônico que num mundo de alta tecnologia e abundante informação e conhecimento, a violência tenha alcançado uma intensidade e ubiquidade sem precedentes. Os contextos mudaram radicalmente, e, como a missão deveria ser sempre contextual, é necessário que a igreja examine, faça um inventário e remodele suas práticas missionárias, com o objetivo de torná-las relevantes e eficazes nos e para os contextos atuais.

3.3.1. Missão “até aos confins da terra”

Jesus prometeu a seus discípulos que eles seriam empoderados pelo Espírito Santo para serem testemunhas dele “até aos confins da terra” (Atos 1.8). Desde então, o evangelho foi pregado a todos os seis continentes, mas há alguns lugares onde a boa nova da graça de Deus em Cristo ainda não foi ouvida e recebida. No hemisfério norte e no sul, dois terços da população do mundo ainda não reconhecem ou já não reconhecem Cristo como Senhor e Salvador.

Com a mudança do centro de gravidade do cristianismo do hemisfério norte para o sul, a



© CAM Barbant Robins

maioria das pessoas dos países que eram conhecidos como cristãos têm se tornado indiferentes ou até mesmo hostis para com o testemunho do evangelho dado pela igreja. Em tais países, há esferas da vida onde Jesus Cristo não é mais conhecido. Para a igreja missional, esses lugares ou pessoas “não alcançados” são sempre considerados “os confins da terra”. Pode ser que eles não estejam longe geograficamente, mas poderão representar novas situações, que oferecem novas e desafiadoras oportunidades para testemunhar (*martyria*) o Senhor da história.

Desde a segunda metade do século 20, com suas rápidas mudanças na tecnologia

e com o crescimento da indústria de entretenimento, a igreja tem sido removida (no sentido real e metafórico da palavra) do centro das grandes cidades. Na periferia da vida urbana e de sua economia, a igreja não tem tido influência significativa na vida e no futuro das comunidades urbanas. Na melhor das situações,

a igreja tem limitado sua missão a cuidar de indivíduos exasperados pelas exigências urbanas. Que novas oportunidades para a missão oferecem à igreja as enormes cidades cosmopolitas, como São Paulo, Nova Iorque, Londres, Nova Délhi e Nairóbi? Como pode a igreja recuperar uma presença significativa e exercer uma influência relevante na vida da cidade?

A questão não é a igreja entrar em concorrência com a política, a economia e as empresas de entretenimento para obter influência sobre a vida de uma cidade ou nação. Entre as oportunidades desafiadoras para a igreja está a de acompanhar comunidades e nações em áreas e situações de “confins da terra” e ousar ser a igreja “onde ninguém jamais esteve”. Elas não são necessariamente “lugares”, mas poderão ser esferas da vida, grupos de interesse ou ideologias. Por exemplo, um dos denominadores comuns em termos de influenciar e mudar a vida das pessoas hoje é a alta tecnologia. A alta tecnologia, quando usada corretamente, proporciona conforto e ajuda salvar vidas; mas em alguns casos a inteligência artificial pode roubar a dignidade humana das pessoas. Pesquisas sobre tecnologia da informação avançada, manipulação genética e fontes seguras de energia reutilizável já estão em andamento. Que seria necessário para que a igreja missionária esteja lá onde a tecnologia nasce para torná-la mais humana? Formular respostas éticas para o uso da tecnologia é necessário para a igreja, mas não é o suficiente. A missão da igreja requer um acompanhamento mais pró-ativo.

Há oportunidades para a igreja acompanhar as pessoas à medida que elas enfrentam o assalto de negócios clandestinos prósperos e destrutivos (p. ex., o tráfico de drogas, de armas, de mulheres e crianças, e a pornografia pela internet) que são muito disseminados, privatizados e difíceis de serem contidos. Mais esquivada é a exploração nos esportes profissionais, no espiritismo e nas sociedades culturais secretas (que têm uma influência significativa na política internacional). A igreja em cada localidade/nação é que tem as melhores condições de identificar essas áreas que correspondem aos “confins da terra” e para projetar os acompanhamentos missionários apropriados.



© Henri Fallon, <http://henrison.net>

PRÁTICA DA MISSÃO

3.3.2. A missão e o desafio da tecnologia da informação

Os rápidos desdobramentos nas tecnologias de comunicação e informação também influenciam os contextos da missão. É necessário que a igreja reflita sobre as oportunidades desafiantes que tais mudanças acarretam para a vida das pessoas e para sua própria missão em particular. A tecnologia da informação (TI), por exemplo, revolucionou a forma de as pessoas se comunicarem umas com as outras e também sua maneira de pensar e de viver e, conseqüentemente, seu modo de ser. A igreja em missão precisa encontrar um novo modo de ser igreja.

Muitas igrejas no mundo todo já estão usando a internet de maneira criativa para a missão (p. ex., a igreja “virtual” ou igreja do *cyber-espaço* como forma de alcançar pessoas que não vão à igreja; cultos *online* para pessoas que navegam na internet). Entretanto, o desafio que a igreja enfrenta é monumental. A internet e toda uma parafernália de equipamentos eletrônicos (videogames, DVDs, CDs, etc.) são muitas vezes usados de forma errada, promovendo uma cultura da violência. Eles afetam profundamente o modo de viver e pensar dos usuários devido à dependência que criam, principalmente entre os jovens. Além disso, a igreja tem de levar a sério o desafio que a cultura da internet apresenta para o modo de se fazer teologia, a formação teológica e a capacitação das pessoas batizadas para o discipulado e a missão. Isso constitui uma situação de “confins do mundo”. Da mesma forma que, no passado, a teologia foi desafiada no hemisfério norte a estar à altura dos pressupostos e das normas filosóficas, ela agora é desafiada acompanhar o ritmo da ciência e tecnologia.

O desafio não é apenas fazer com que a teologia sobreviva à constante filtragem de dados feita pela cultura da internet em busca de informações novas, atualizadas e comercializáveis, mas também fazer com que a TI seja uma ferramenta útil para compartilhar a “velha”, mas empoderadora história de Jesus Cristo. O rápido desenvolvimento da TI aumentou a distância entre os que têm e os que não têm: muitas pessoas do hemisfério sul ainda estão esperando por sua primeira ligação telefônica ou para

terem acesso a um computador. A igreja precisa urgentemente abordar essa situação como parte de suas estratégias missionárias.

3.3.3. Recursos missionários

O chamado para a missão é boa nova para a igreja; por isso, ela precisa planejá-la com cuidado. A administração dos recursos para a missão da igreja é um elemento muito importante no planejamento missionário. Em todos os níveis da igreja, começando com a congregação, a alocação de recursos para a missão – humanos, materiais e financeiros – deveria ter alta prioridade. Visto que a missão é contextual e é executada por cada igreja em cada lugar, as congregações locais desempenham um papel crucial, principalmente no provimento de recursos para a missão. Um sólido programa de mordomia ou administração de recursos no nível congregacional visando ao desenvolvimento de recursos para a missão constitui a base para que se reverta a síndrome de dependência que tem paralisado muitas igrejas em países endividados. A natureza contextual da missão conclama cada congregação e igreja nacional a projetar intencionalmente suas atividades missionárias com base nos recursos disponíveis (p. ex., humanos e materiais) e, ao mesmo tempo, a buscar formas de aumentar seu acesso a outros recursos

Há oportunidades para a igreja acompanhar as pessoas à medida que elas enfrentam o assalto de negócios clandestinos prósperos e destrutivos que são muito disseminados, privatizados e difíceis de serem contidos.

(p. ex., tecnológicos e financeiros). Um empreendimento missionário contextualizado, com uma forte percepção de mordomia, evita abordagens importadas que acarretam altas despesas gerais.

Além disso, à medida que a igreja desenvolve seu programa de mordomia ou administração de recursos missionários, ela necessita olhar com atenção a estrutura da igreja para determinar se ela facilita ou não a missão da igreja. As estruturas eclesiais deveriam ser flexíveis e apropriadas para os contextos e para a realidade dos recursos de cada igreja, e não reproduzir estruturas estrangeiras. Estruturas eclesiais rígidas e desequilibradas sufocam a vida e a missão da igreja de tal forma que a missão fica reduzida a meramente apoiar essas estruturas. Muitas igrejas do hemisfério sul ainda dependem de subsídios do exterior, principalmente em termos de apoio estrutural.

A prática da missão como uma comunhão de igrejas as conchama a serem dependentes umas das outras em termos de recursos missionários: espirituais, humanos, materiais e financeiros. Os recursos missionários são primordialmente dons de Deus; assim, todas as igrejas são receptoras e mordomos desses dons. Por um lado, portanto, a interdependência na missão visa ao empoderamento e à transformação recíprocos baseados na confiança e prestação de contas mútuas. O objetivo dessa interdependência não é assegurar o bem-

estar das igrejas, mas fortalecer sua capacidade e competência na execução de sua missão. Por outro lado, muitas igrejas no hemisfério sul enfrentam imensos desafios para a missão (desastre econômico, guerra, refugiados, fome, etc.), que ultrapassam os recursos locais e nacionais. As igrejas de países mais ricos bem como as agências e departamentos missionários a elas ligados, sendo mordomos dos recursos missionários que são dons de Deus, deveriam refletir de maneira séria e orante sobre a questão do “bilateralismo” e do “multilateralismo”, defendendo a interdependência de uma forma multilateral como um desafio missionário urgente. Engajadas numa missão de transformação, reconciliação e empoderamento, essas igrejas e as agências a elas ligadas, ao lidarem com requerimentos de projetos vindos de países e igrejas pobres, deveriam contestar e desmascarar o pensamento predatório, a linguagem consumista e as formas desumanizadoras da economia de mercado. Elas deveriam ajudar a construir uma comunhão na missão que fosse uma comunidade alternativa, um refúgio de esperança, empoderando e apoiando as vítimas dos efeitos adversos da globalização em todas suas expressões.

3.3.4. Peregrinação missionária

Em tempos recentes, a prática de peregrinações e retiros tem recebido muito interesse entre as igrejas da Europa. Milhares de pessoas – jovens e velhos, mulheres e homens – têm tomado tempo de suas agendas lotadas para se comprometerem com um final de semana ou uma semana de experiência espiritual de oração, leitura das Escrituras, canto e silêncio (ouvir). No passado, indivíduos ou pequenos grupos de indivíduos faziam peregrinações visando a suas próprias necessidades espirituais, e a missão não era o objetivo primordial. Não obstante, as igrejas e as pessoas com que eles se encontravam pelo caminho também eram edificadas espiritualmente.

Um reavivamento da peregrinação como prática missionária poderia ser extremamente benéfica para as igrejas atuais. Ela poderia servir como forma prática para os peregrinos aprenderem, experimentarem e praticarem a solidariedade. Poderia ser, portanto, um meio eficiente de alimentar e promover uma “espiritualidade de resistência”, na medida em que a igreja se defronta com o assalto do materialis-

Visto que a missão é contextual e é executada por cada igreja em cada lugar, as congregações locais desempenham um papel crucial, principalmente no provimento de recursos para a missão.



© LWF

mo, secularismo e consumismo. Também poderia apresentar uma grande oportunidade para o fortalecimento espiritual mútuo e o testemunho em palavra e ação. A peregrinação missionária pode ser organizada em níveis local e nacional, regional e global, podendo também envolver várias gerações e denominações.

O conceito e a prática da peregrinação missionária ajudam a enfatizar uma visão fundamental como igreja em transformação, igreja nômade, igreja a caminho, no caminho de Emaús. A igreja em missão é uma igreja em peregrinação. A igreja passa não apenas de um lugar para outro, mas também do presente para o futuro e desta “era” para o novo éon de Deus. Como igreja nômade, peregrina, ela é dotada pelo Espírito Santo para discernir os sinais dos tempos e profetizar (apontar para) a irrupção do reinado de Deus.

CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

A compreensão da missão da igreja tem passado por mudanças de paradigma significativas na experiência e nas práticas das igrejas-membros da Federação Luterana Mundial. Para a 4ª Assembléia (Helsinki, 1963), a missão ainda era definida em sentido estreito como visando à conversão da descrença para a fé. A partir da 6ª Assembléia (Dar es Salaam, 1977), entretanto, a missão foi entendida e praticada de uma forma holística, englobando a proclamação, a defesa da vida e o serviço à pessoa toda e a todas as pessoas. Enfatizou-se cada vez mais a defesa da justiça, da paz e da integridade da criação. Na Consulta Global sobre Missão da FLM (Nairóbi, 1998), a transformação foi considerada uma dimensão importante da missão, enquanto que o empreendimento missionário ecumênico conjunto foi visto como um aspecto importante da prática da missão no século 21. Dando



© Photo Hilbold-Croiset

CONCLUSÃO

continuidade a essa tendência, este documento enfatiza a visão da *igreja missional*, para a qual a missão pertence a seu próprio ser como corpo de Cristo. Ele também enfatiza a compreensão da missão como participação na irrupção do reinado de Deus em Cristo, compartilhando uma jornada comum com as pessoas em seus contextos e focalizando a transformação, a reconciliação e o empoderamento.

Esses focos da missão – transformação, reconciliação e empoderamento – descrevem apropriadamente a missão como participação da igreja na missão do Deus triúno, Criador, Redentor e Santificador. Eles também refletem as características da missão como missão holística e contextual; a saber, uma missão conduzida pelo Espírito Santo para andar no “caminho do Filho”, o caminho da encarnação, da cruz e da ressurreição. A missão é a razão de ser da igreja. Ela decorre da natureza da igreja como comunidade testemunhante, um dom da justificação pela graça de Deus para a missão e um convite para a missão.

Um dos objetivos deste documento é servir como instrumento para acompanhar as igrejas luteranas em sua auto-análise e na reafirmação da missão em seus respectivos contextos. Para que este documento seja tal ferramenta, as igrejas são chamadas a estimular a espiral hermenêutica na prática missionária real. Para reafirmar sua missão de forma significativa, as igrejas precisam empreender uma análise séria de seu contexto, sua prática e sua teologia da missão.

O contexto necessita de constante exame e definição. A igreja em todos os níveis é chamada a discernir as necessidades de transformação, reconciliação e empoderamento. Ao conduzir tal análise, a igreja será chamada a se colocar junto às vítimas da injustiça e da violência e, assim, desmascarar e denunciar poderes do mal e situações que distorcem e rompem a criação e desumanizam a vida em sociedade.

A igreja precisa examinar criticamente como a missão é praticada. Ela pergunte se a missão é uma prática real de fé, que busca intencionalmente a efetiva transformação, reconciliação e empoderamento na sociedade, ou se ela é mera prática. À luz deste documento, a igreja pode examinar até que ponto suas práticas missionárias são holísticas e contextuais. De fato, a igreja pode desencadear uma avaliação da prática missionária para determinar, por exemplo, se a igreja toda está comprometida com a missão toda, ou

se os diferentes elementos da missão (p. ex., proclamação, diaconia, defesa da vida e cuidado da criação) produzem transformação, reconciliação e empoderamento. Também se pode verificar se recursos para a missão da igreja são providenciados localmente. A igreja pode, assim, identificar novas oportunidades para a missão e os recursos e parcerias necessárias para aproveitá-las corretamente.

Finalmente, este documento convoca a igreja a reafirmar sua missão refletindo de maneira sempre nova sobre sua teologia da missão. A teologia deveria empoderar a igreja para a missão, missão que aponta para a realidade da irrupção do reinado de Deus em Cristo e participa dela. Usando o modelo de missão do caminho de Emaús, como estar juntos numa jornada, como acompanhamento mútuo, este documento convida as igrejas luteranas e outras igrejas a se comprometerem com uma teologia que reflita sobre sua experiência missionária contextual e a ponha em prática. Só tal teologia pode empoderar as igrejas a desdobrarem sua missão holística como acompanhamento às pessoas em todo lugar, em seus contextos constantemente cambiantes – uma missão transformadora, reconciliadora e empoderadora.

Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra. (Atos 1.8)

Usando o modelo de missão do caminho de Emaús, como estar juntos numa jornada, como acompanhamento mútuo, este documento convida as igrejas luteranas e outras igrejas a se comprometerem com uma teologia que reflita sobre sua experiência missionária contextual e a ponha em prática.